



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

FRANCISCO CLEANO LIMA MELO

**METODOLOGIA DO ENSINO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO, NA
PERSPECTIVA DA MAIÊUTICA SOCRÁTICA**

FORTALEZA

2019

FRANCISCO CLEANO LIMA MELO

METODOLOGIA DO ENSINO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO, NA
PERSPECTIVA DA MAIÊUTICA SOCRÁTICA

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Ensino de Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M485m Melo, Francisco Cleano Lima.

Metodologia do Ensino da Filosofia no Ensino Médio, na Perspectiva da Maiêutica Socrática. / Francisco Cleano Lima Melo. – 2019.
84 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida.

1. Sócrates. 2. Maiêutica. 3. Ensino da Filosofia. I. Título.

CDD 100

FRANCISCO CLEANO LIMA MELO

METODOLOGIA DO ENSINO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO, NA
PERSPECTIVA DA MAIÊUTICA SOCRÁTICA

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Ensino de Filosofia.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Hugo Filgueiras de Araújo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Maria Aparecida de Paiva Montenegro
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus em sua essência divina que habita o meu ser.

A minha família, em especial aqueles que me apoiam e compartilham da minha vida.

Aos meus amigos que acreditaram e me incentivaram nessa pesquisa.

Aos meus professores, que de forma imensurável fomentaram o desejo em superar os desafios e buscar o conhecimento.

Grato a todos que contribuíram na minha caminhada estudantil, da alfabetização ao mestrado.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Desse modo, gratidão à instituição que ao longo de dois anos contribuiu para minha formação.

Ao Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida, pela sua dedicação e pela excelente orientação no desenvolvimento dessa pesquisa.

Aos professores participantes da banca examinadora, Prof. Dr. Hugo Filgueiras de Araújo e Profa. Dra. Maria Aparecida de Paiva Montenegro pelo tempo e pelas valiosas contribuições na análise da pesquisa.

Aos alunos da Escola Tancredo Nunes de Menezes, pelo tempo concedido nas entrevistas e encontros do Grupo Focal

Aos colegas da turma de mestrado, pelas reflexões, vivências aprendizados.

Aos meus familiares que acreditaram no meu trabalho e me deram apoio.

Sou grato a pessoa de Vitor Gomes que me incentivou e que esteve comigo durante essa caminhada, compartilhou dos meus medos, angústias e sempre acreditou em mim.

Agradeço ainda de forma especial aos amigos Roniere e Luzileide pelas vivências fraternais que fortalecem nossa relação de amizade.

Gratidão a todos os fatores contribuintes para esse empreendimento filosófico.

“Existe apenas um bem, o saber, e apenas um mal, a ignorância” (Sócrates).

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo apresentar uma proposta metodológica de ensino da filosofia no ensino médio tendo como referência a maiêutica socrática. Para esse empreendimento, foi realizada inicialmente a leitura e análise de textos de Xenofonte (*Ditos e feitos memoráveis de Sócrates e Apologia de Sócrates*), Aristófanes (*As Nuvens*) e Platão (*Defesa de Sócrates*) que nos apresentam um “retrato” de Sócrates, considerando que este último nada deixou quanto a escritos. Em todas elas procuramos destacar os traços mais importantes da vida de Sócrates e de sua atividade. Posteriormente foram apresentados material e métodos das atividades referentes ao grupo focal, sendo enfatizado o emprego da maiêutica socrática, também esta última, objeto de devida apreciação. A investigação se baseia também no compartilhamento de ideias do grupo, no diálogo, nas leituras, nas perguntas, nos questionários e nos relatos de experiências. Neste intuito, ao final desse empreendimento filosófico, foram apresentados os resultados e as discussões da pesquisa, tendo como pressupostos, o referencial bibliográfico e a metodologia fundamentada na maiêutica. Por meio da atitude dialógica realizada no grupo focal foi possível perceber as contribuições da filosofia socrática para o ensino médio na atualidade. O questionamento se mostrou como uma possibilidade de pensar e refletir criticamente, tornando-se um caminho para a construção conceitual por meio do diálogo e da leitura. Na conclusão da investigação procura-se destacar a contribuição do método socrático para a docência da filosofia no Ensino Médio.

Palavras-chave: Sócrates. Maiêutica. Ensino da Filosofia.

ABSTRACT

The present study has as objective to present a methodological proposal of teaching philosophy in high school with reference to Socratic maieutics. For this undertaking, the reading and analysis of texts by Xenophon (*Socrates' Sayings and Memorable Achievements* and *Socrates' Apology*), Aristophanes (*The Clouds*) and Plato (*Defense of Socrates*), which present us with a "portrait" of Socrates, considering that the latter left nothing to do with writing. In all of them we try to highlight the most important features of Socrates' life and activity. Subsequently material and methods of the activities related to the focal group were presented, emphasizing the use of Socratic maieutics, also the latter object of due appreciation. Research is also based on the sharing of group ideas, dialogue, reading, questions, questionnaires and experiences reports. In this sense, at the end of this philosophical enterprise, the results and the discussions of the research were presented, having as presuppositions, the bibliographical reference and the methodology based on the maieutic. By means of the dialogical attitude realized in the focal group it was possible to perceive the contributions of the Socratic philosophy to the high school in the present time. The questioning was shown as a possibility to think and reflect critically, becoming a path to conceptual construction through dialogue and reading. At the conclusion of the research, the contribution of the Socratic method to the teaching of philosophy in High School is highlighted.

Keywords: Socrates. Maieutic. Teaching Philosophy.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Organização didática do Grupo Focal	49
Quadro 2	– Socialização sobre o conhecimento de filosofia.....	50
Quadro 3	– Doxa: pergunta 1.....	53
Quadro 4	– Doxa: pergunta 2.....	54
Quadro 5	– Doxa: pergunta 3.....	55
Quadro 6	– Doxa: pergunta 4.....	56
Quadro 7	– Doxa: pergunta 5.....	57
Quadro 8	– Doxa: pergunta 6.....	57
Quadro 9	– Doxa: pergunta 7	58
Quadro 10	– Episteme: pergunta 1.....	60
Quadro 11	– Episteme: pergunta 2.....	61
Quadro 12	– Episteme: pergunta 3	61
Quadro 13	– Episteme: pergunta 4.....	62
Quadro 14	– Episteme: pergunta 5.....	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidades de alunos do 1º ano do ensino médio, período matutino.....	48
Tabela 2 – Temas utilizados para sorteio no Grupo Focal.....	53
Tabela 3 – Questionário aplicado na última etapa do Grupo Focal.....	64

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REVISÃO DA LITERATURA: O RETRATO DE SÓCRATES TRAÇADO POR SEUS CONTEMPORÂNEOS.....	16
2.1	O Sócrates do general Xenofonte.....	16
2.2	Sócrates segundo o comediógrafo Aristófanes.....	23
2.3	O Sócrates do filósofo Platão.....	29
3	DIALÉTICA SOCRÁTICA.....	35
3.1	A ironia: desconstrução das opiniões (doxai).....	37
3.2	A maiêutica: a arte de partejar do filósofo Sócrates e a formação do conhecimento filosófico (episteme).....	41
4	MATERIAL E MÉTODOS: O EXERCÍCIO DO PENSAR FILOSÓFICO NA PERSPECTIVA DA MAIÊUTICA SOCRÁTICA	45
4.1	Métodos e análises através de um grupo focal	47
4.1.1	<i>Doxa, um contato prévio com as opiniões.....</i>	50
4.1.2	<i>Episteme, formação conceitual por meio da dialética.....</i>	59
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	66
5.1	Os impactos no ensino e na aprendizagem da filosofia tendo como pressuposto a maiêutica socrática.....	66
5.2	O ensino da filosofia sob o viés socrático: resultados das análises e métodos utilizados no grupo focal.....	70
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
	REFERÊNCIAS	79
	APÊNDICE A – CONTEXTUALIZAÇÃO TEMÁTICA/ DOXA.....	81
	APÊNDICE B – EPISTEME.....	83
	APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA.....	84

1 INTRODUÇÃO

A dissertação de mestrado com o título, *Metodologia do ensino da filosofia na perspectiva da maiêutica socrática* faz parte de uma pesquisa que tem como intuito evidenciar as contribuições da filosofia socrática para o contexto educacional do ensino médio. As inquietações que me assolaram durante a minha caminhada como professor de filosofia do ensino básico foi o desenvolvimento de metodologias que contribuíssem para a prática docente. Na oportunidade de construir uma pesquisa a nível de mestrado, investiguei o método socrático bem como tracei reflexões sobre de que forma o método de Sócrates poderia inspirar metodologias que contribuíssem para o pensamento crítico e o fazer filosófico dos alunos do ensino médio. O presente estudo apresenta uma proposta metodológica de ensino da filosofia no ensino médio pautada na maiêutica¹ socrática. A inserção das reflexões de Sócrates para o ensino de filosofia na educação básica se dá pela necessidade de estabelecer uma prática que desperte no aluno o pensar crítico e reflexivo, e que os provoque a filosofar.

O primeiro capítulo apresenta o retrato de Sócrates traçado por seus contemporâneos. Apresentaremos três referências que servirão como ponto de partida para compreendermos a figura de Sócrates e poderemos ter uma compreensão do seu método filosófico. No primeiro tópico do capítulo faremos uma reflexão acerca de Sócrates a partir da visão do general Xenofonte, tendo como referência a obra *Memoráveis*. No segundo tópico faremos uma abordagem do perfil socrático caricaturado na obra *As Nuvens* do comediógrafo Aristófanes, que com teor sarcástico evidencia Sócrates como um charlatão que vive distante da realidade. Finalmente, no terceiro tópico, levaremos em consideração aquilo que nos fora transmitido a respeito de Sócrates pelo seu mais célebre discípulo, a saber, Platão. “Dos 29 diálogos de Platão considerados autênticos, Sócrates aparece em 27 deles e é em quase todos, o personagem condutor da discussão” (BERNOIT, 1996, p.36). A obra que servirá de referência para a apresentação do perfil socrático na perspectiva platônica será a *Defesa de Sócrates*. Outrossim, todos esses relatos

¹ MAIÊUTICA (gr. *M. oaeimxti xé^vri*; in. *Maieutics*-, fr. *Maïcutique*; ai. *Müeittik*; it. *Maieulica*). Arte da parteira; m *Teeteto* de Platão, Sócrates compara seus ensinamentos a essa arte, porquanto consistem em dar à luz conhecimentos que se formam na mente de seus discípulos: “Tenho isso em comum com as parteiras: sou estéril de sabedoria; e aquilo que há anos muitos censuram em mim, que interrogo os outros, mas nunca respondo por mim porque não tenho pensamentos sábios a expor, é censura justa” *Cleet.*, 15c) (ABBAGNANO, 2007, p.637).

têm como objetivo evidenciar a figura de Sócrates, que por sinal é objeto de múltiplas análises, tornando-se assim imprescindíveis os apontamentos de sua vida e de sua obra antes de evidenciarmos o seu método de ensinar a filosofia.

No segundo capítulo, denominado de Dialética Socrática, apresentamos o ponto crucial do pensamento de Sócrates, ou seja, o seu método de fazer filosofia, a maiêutica. Inicialmente abordaremos o conceito de ironia, como uma desconstrução de opiniões. Evidenciaremos que a ironia socrática constitui um método de pergunta, geralmente partindo de alguma temática em discussão, no intuito de delimitá-la e refutá-la. O esboço conceitual sobre a ironia mostra que seu objetivo fundamental era o de purificar o pensamento do interlocutor, no intuito de que houvesse consistência no argumento, desfazendo-se assim das falsas opiniões. Portanto a ideia de ironia não era de ridicularização ou constrangimento do interlocutor, mas a diminuição do impasse sobre o problema que estivesse em questão. O fato de haver impasse se dá pela insustentabilidade dos argumentos baseados em meras opiniões.

Com a maiêutica, que tem o sentido originário na arte de partejar, mostraremos que tal habilidade de dar à luz ao conhecimento do filósofo Sócrates possui uma grandeza imensurável. A maiêutica aqui abordada apresenta um elemento importante: a saída do mundo das opiniões, dos preconceitos, da relativização do conhecimento para o pensar por si mesmo. Partejar as ideias oriundas dos seus interlocutores, passando pela ironia, pelo processo de refutação e pelos constantes questionamento tinham um propósito, a saber, o conhecimento. A analogia à parteira assume um caráter importante, o de que Sócrates não partia de um conhecimento pronto, nem tinha como objetivo apresentar um conceito de sua autoria, mas a de possibilitar as condições para o “nascimento das ideias” em seus interlocutores. A pergunta é o elemento fundamental. Através da habilidade de questionar, Sócrates evidenciava as contradições do diálogo. As ideias que geralmente surgiam após as conversas com Sócrates saíam das meras opiniões para a reflexão. Um discurso que muitas vezes vinha “esvaziado de verdade” passava a assumir um caráter conceitual e verdadeiro.

No terceiro capítulo, trataremos da parte metodológica da pesquisa. O objetivo de aplicar uma metodologia de aprendizagem que considera a maiêutica socrática foi o de perceber as possíveis contribuições de Sócrates para o ensino de filosofia na educação básica, nos dias atuais. Para isso, foi relatado todo o processo

de aprendizagem do grupo focal, que foi o método escolhido para fazer filosofia na perspectiva socrática. O grupo com composição de 8 alunos da escola Tancredo Nunes de Menezes, sediada na cidade de Tianguá, seguiu todas as orientações conforme projeto aprovado no comitê de ética da Universidade Federal do Ceará – UFC.

Os encontros do Grupo Focal foram em número de cinco, nos quais foram elencados os passos metodológicos de sua execução. No primeiro encontro, foram feitas as apresentações e integração dos membros, definições dos objetivos do grupo focal, acordo de convivência entre o grupo e discussões sobre o saber que os alunos trazem consigo sobre o ensino da filosofia, bem como o motivo pelo qual acreditam ser importante aprender a filosofar no ensino médio. No segundo momento, foi realizado o sorteio temático contendo propostas de textos filosóficos para discussões em grupo, nas quais os alunos foram questionados sobre o conhecimento que traziam consigo sobre a problemática em questão. No terceiro momento, foi disponibilizado o texto para leitura que serviu de referência para as próximas discussões. Após a leitura do texto, realizou-se o quarto encontro, no qual houve um diálogo a partir do elemento novo inserido pela leitura. O intuito foi o de identificar a aprendizagem não mais por meio da expressão de meras opiniões, mas a partir de um conhecimento identificado mediante o texto lido. Por fim, no quinto encontro, os jovens participantes da pesquisa responderam a um questionário, com o propósito de possibilitar uma auto avaliação a partir de sua experiência no grupo focal, no intuito de saber quais as contribuições da metodologia aplicada para sua vida.

No quarto capítulo, são apresentados os impactos do ensino filosófico tendo a maiêutica como pressuposto. Aqui são explicitados a importância do ensinar filosofia na etapa do ensino médio, inserindo métodos que tenham como referência o modo socrático de fazer filosofia, a saber, a busca constante pelo conhecimento. A questão fundamental é a saída de uma ignorância, de um não saber para o conhecimento crítico, capaz de fazer relações com outros saberes e sobretudo fazer inferências conceituais a partir da abstração. Abordaremos a importância da necessidade de pensar o ensino de filosofia na atualidade procurando métodos de ensino que façam sentido na vida dos jovens. Desse modo, o arcabouço filosófico socrático nos permite pensar a filosofia de um modo significativo e transformador, uma vez que possibilita a saída das crenças dogmáticas para o pensar dialético.

Serão salientadas ainda na parte final da pesquisa as relações dos parâmetros curriculares para o ensino médio, de modo específico a que trata do ensino de filosofia, com as contribuições do ensino filosófico na perspectiva socrática atualmente. Desse modo, faremos considerações fundamentais a respeito dos resultados obtidos no grupo focal com algumas reflexões importantes dos PCNs, tais como as que dizem respeito ao pensamento crítico, à leitura dos textos filosóficos e à postura do professor de filosofia. O educador, “ao modo socrático” assume o papel de “parteiro”, aquele que conduz o aluno na sua própria tarefa de buscar o conhecimento. Por via do diálogo, do questionamento e da autonomia, confere ao estudante a tarefa de ser protagonista das suas próprias inferências conceituais no processo do conhecimento.

A partir das inspirações na vida e na filosofia socrática, podemos refletir sobre a atitude filosófica e como podemos tornar este conhecimento acessível, mas sem perder o rigor filosófico que são fundamentais para aqueles que se aventuram na tarefa de fazer filosofia. Portanto, a pesquisa é delineada no intuito de buscar em Sócrates uma referência em termos de busca pelo conhecimento e da própria vivência da filosofia, como serão descritos nos capítulos desta pesquisa.

2 REVISÃO DA LITERATURA: O RETRATO DE SÓCRATES TRAÇADO POR SEUS CONTEMPORÂNEOS

Ao estudarmos o pensamento socrático nos deparamos com uma série de fatos narrados por seus contemporâneos que servirão de base para traçarmos um perfil de Sócrates e o seu pensamento filosófico. Segundo Benoit, (1996, p.28), o pensamento socrático é inseparável de sua obra, ou seja, a sua filosofia está relacionada com sua própria vida. Ele não escreveu nada e o que sabemos dele se dá por meio de outros autores da época, tendo como testemunhos diretos Aristófanes, Xenofonte e Platão. Tal ausência de uma obra escrita diretamente por Sócrates nos traz um desafio imensurável, levando em conta os contrapontos e as contradições pertinentes nas obras dos autores citados. Desse modo, os tópicos a seguir apresentarão a imagem de Sócrates construída pela tríade Xenofonte, Aristófanes e Platão, tendo como base a análise das seguintes obras: *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates* por Xenofonte, *As Nuvens* de Aristófanes e *Apologia de Sócrates* narrada por Platão.

2.1 O Sócrates do general Xenofonte

Xenofonte (430 - 355 a.C.) é uma fonte importante para compreendermos o pensamento socrático. Entre os diversos fatores importantes no que concerne à contribuição histórica está o fato, segundo Benoit (1996), de o mesmo ter conhecido pessoalmente Sócrates e ter-se tornado seu discípulo. Ainda conforme o autor, entre as obras atribuídas a Xenofonte, aquelas que contêm relatos importantes acerca do filósofo grego e que são as mais consideradas pelos comentadores são *A Apologia de Sócrates* e *Dito e Feitos Memoráveis de Sócrates*. Diógenes Laértios, na obra *Vida e Doutrinas dos filósofos ilustres*, corrobora uma descrição importante para compreendermos o pensamento do autor em tela:

Xenofon, filho de Grilos, era ateniense do demo de Erquia, um homem extremamente modesto e de ótima aparência. Conta-se que Sócrates o encontrou numa rua estreita e estendeu o bastão para barrar-lhe o caminho, enquanto lhe perguntava onde se vendia toda espécie de alimentos. Obtida a resposta Sócrates perguntou-lhe ainda onde os homens se tornavam excelentes. Diante da perplexidade de Xenofon, Sócrates disse: "Segue-me, então, e aprende." Desde esse momento ele passou a ser discípulo de Sócrates. Foi o primeiro a tomar notas das conversas do mestre e publicá-las, numa obra intitulada *Memorabilia*; foi também o primeiro filósofo a

escrever obras históricas. (2008, p.59-60).

Os relatos sobre a figura do mestre traçado por Xenofonte possuem não só valor biográfico, mas sobretudo um empreendimento testemunhal de grande valia, uma vez que são memórias que evidenciam a postura de Sócrates como um cidadão ateniense preocupado com o bem e a virtude. Tais evidências se traduzem em uma série de relatos que elucidaremos no decurso dessa exposição.

Analisando o texto de Xenofonte nos deparamos com cenas simples em que Sócrates aparece no cotidiano se expressando e opinando sobre diferentes temas. "Nas *Memoráveis*, Xenofonte nos reproduz cenas da vida de Sócrates e diversas conversas que teve com seus discípulos" (BENOIT, 1996, p.31). Como podemos perceber, apesar de a obra não fazer referência aos conceitos filosóficos do pensamento socrático, evidencia a vida modesta e o caráter de um homem que se preocupava com as boas condutas de seus discípulos e amigos. "Por outro lado, eis como se portava para com os amigos. Em se tratando de coisas de resultado certo, aconselhava-os a procederem da maneira que melhor lhe parecia" (XENOFONTE, 1987, p.33). Portanto, temos um homem de convicções claras e que utiliza argumentos e situações do cotidiano para orientar aqueles que o rodeavam. Em Diógenes Laértios há a narração de um fato que coloca o Sócrates de Xenofonte como um referencial de homem a ser seguido. "Lendo o segundo livro da *Memorabilia* de Xenofon, sentiu tanta satisfação que perguntou se seria possível encontrar homens como Sócrates." (2008, p.181).

Xenofonte apresenta o pensamento socrático de forma simples, porém, não obstante a ausência em seus escritos de um rigor filosófico, aquilo que ele nos revela a respeito da vida e das características do estilo de vida de Sócrates nos proporciona uma contribuição significativa para perceber nas suas condutas um educador preocupado com o ensino da virtude:

O que igualmente me assombra é o haver-se embrechado em certos espíritos que Sócrates corrompia a juventude, Sócrates que, à parte o que foi dito, era o mais reportado dos mortais nos prazeres dos sentidos como da mesa, o mais endurecido contra o frio, o calor, as fadigas de toda espécie e tão sóbrio que lhe sobrestava seu minguado pecúlio. Com tais qualidades, como poderia ter desencaminhado os outros à impiedade, à libertinagem, à indolência? (XENOFONTE, 1987, p.37)

Fica perceptível que a figura construída de Sócrates no discurso de Xenofonte demonstra claramente que o homem no qual a sociedade ateniense

estava condenando não merecia tamanha desfeita, uma vez que conforme os textos nos mostram, a sua atuação como cidadão era sempre a de um homem bom, preocupado com a retidão e a sensatez. "Senhor de tal caráter, minha convicção é que Sócrates merecia de nossa cidade não a morte, porém, honras. Julgai o fato à luz das leis e haveis de concordar comigo" (IDEM, p.43). Analisando-o por esse viés notamos claramente que suas ações eram plausíveis, tanto pelo comportamento regrado em relação aos prazeres do corpo, como pela conduta focada na prática das boas ações, da verdade e do ensinamento da virtude a todos aqueles que dele se aproximava.

Xenofonte, em seus escritos, mostra um Sócrates simples, que não fazia mal a ninguém. A argumentação é modesta, mas com uma sutileza de detalhes que atestam com um certo caráter lógico a inocência de Sócrates diante das acusações que sofrera. Por possuir uma vida simples havia de se questionar o fato dele ter falado algo contrário que atingisse a moral e a religião:

No mais Sócrates sempre viveu à luz pública. Pela manhã saía a passeio e aos ginásios, mostrava-se na ágora à hora em que regurgitava de gente e passava o resto do dia nos locais de maior concorrência, o mais das vezes falava, podendo ouvi-lo quem quisesse. Viram-no ou ouviram-no alguma vez fazer ou dizer algo contrário à moral, ou à religião? (IBIDEM, p.34)

É notória a natureza do questionamento no qual Xenofonte faz, a saber, a de não encontrar no cotidiano de Sócrates quaisquer indícios de uma vida irresponsável que afetasse a moral e a religião. "No que se refere aos deuses, havia-se e falava de conformidade com as respostas que dá a Pítia aos que interrogam sobre como se deve proceder em relação aos sacrifícios[...]" (IBIDEM, p.45). Outrossim a tentativa de Xenofonte se dá em evidenciar a todo momento argumentos que contrariem as acusações contra Sócrates e nesse caso, a de desrespeitar os deuses. Percebemos assim um Sócrates que em suas condutas apresentava-se de forma sensata, preocupado com a vivência da virtude.

Sei que Sócrates era para seus discípulos modelo vivo de virtuosidade e que lhes administrava as mais belas lições acerca da virtude e o mais que ao homem concerne. Sei que Crítias e Alcebiades se portaram prudentemente enquanto conviveram com Sócrates. Não que temessem ser por ele castigados ou batidos, mas por serem então ser a tudo preferível o hábito de virtude (XENOFONTE, 1987, p.38).

Sócrates se mostra mais uma vez como um modelo vivo de virtuosidade a ser seguido, não havendo uma imposição por parte dele para que seus

contemporâneos o seguissem espelhando-se em suas condutas. Do contrário, Sócrates se mostra sempre no pensamento de Xenofonte como um modelo, um referencial para seus amigos e discípulos pelo simples fato de que suas ações pareciam ser as melhores, as mais corretas.

A imagem do homem virtuoso é reforçada mais uma vez nos relatos de Xenofonte quando esse demonstra a magnífica imagem de um homem que ensinava pelos seus exemplos. "Enquanto conviveram com Sócrates, tanto Critias como Alcebíades puderam, graças ao seu auxílio, sonegar as más paixões" (IDEM, p.39). Havia uma intensa preocupação de Sócrates com as condutas regradas, de forma que os prazeres do corpo não afetassem a prática das virtudes e do bem comum. "Se não sou escravo do ventre, do sono, da volúpia, é porque conheço prazeres mais doces que não deleitam apenas do momento, mas que fazem esperar vantagens contínuas" (IBIDEM, p. 55). Desse modo, percebe-se que uma vida desregrada torna o homem escravo de seus próprios prazeres, fazendo-o deleitar-se apenas do momento. Aquilo que Sócrates estava preocupado em demonstrar através da sua própria vivência era a temperança. Ele deixava isso bem claro, explicando o que acontece na prática com aqueles que vivem a temperança:

Se a temperança é para o homem uma bela e útil aquisição, vejamos se a ela não exortava Sócrates quando dizia: "Cidadãos, se nos sobreviesse uma guerra e quiséssemos escolher um homem capaz antes de tudo de salvar-nos e subjugar o inimigo, escolheríamos alguém que soubéssemos escravo do próprio estômago, do vinho, dos prazeres do amor, da moleza e do sono? Como poderíamos esperar que semelhante homem nos salvasse e triunfasse do inimigo? Se ao termo da existência desejássemos confiar a alguém a educação de nossas filhas[...] (IBIDEM, p. 53).

A questão da temperança, da vida regrada em relação aos prazeres está alinhada ao modelo de educação que Xenofonte evidencia em Sócrates. Fica nítido na passagem que o ato de educar é processo ligado intrinsecamente à conduta do sujeito que se coloca na posição de liderança frente aos demais. Aqueles que são escolhidos como representantes de uma causa devem necessariamente adquirir a temperança. Outrossim, o ensino das melhores condutas a serem vividas são demonstradas no pensamento de Sócrates quando afirma:

[...] Sócrates mostrava-se abertamente amigo do povo e filantropo. De feito, cercado de numerosos discípulos, atenienses e estrangeiros, jamais auferiu algum desse comércio, transmitindo a todos e sem reserva o que sabia. Alguns deles, venderam caríssimo a outros o que dele haviam recebido gratuitamente e não foram como ele amigo do povo[...] (XENOFONTE , 1987, p. 43).

A passagem acima referida a Xenofonte nos traz um aspecto importantíssimo da filosofia Socrática: a que seu saber não era pautado por um viés comercial. O seu ensino se baseava na vivência prática, o que o tornava amigo de todos, sempre aberto ao diálogo. Outrossim, fica claro o parecer de Sócrates em relação aos sofistas, homens que faziam reserva do ensino, tornando-o mera "moeda de troca". O enfoque é claro quando é apontado que os sofistas vendiam caríssimo o ensino que fora recebido de forma gratuita, que ao contrário de Sócrates que não fazia acepção de pessoas, que estava sempre aberto a novos compartilhamentos de experiências, os sofistas não tinham o compromisso com o povo e sequer o faziam de suas práticas uma relação de amizade, de preocupar-se com as condutas dos outros.

Portanto, Xenofonte é sempre enfático ao evidenciar que Sócrates merecia muito mais que descrédito do povo ateniense. "Senhor de tal caráter, minha convicção é que Sócrates merecia de nossa cidade não a morte, porém honras. Julgai o fato a luz das leis e haveis de concordar comigo." (IDEM, p. 43). Desse modo, fica evidente o caráter do homem virtuoso e honrado aqui mostrado, deixando claro uma conduta grave do povo ateniense: a de não julgar os fatos à luz das leis, uma vez que assim fazendo, colocariam Sócrates em um lugar privilegiado, a de um homem que ajudava os jovens e os cidadãos atenienses a terem uma conduta regrada na busca das melhores ações em sociedade.

De outra vez, perguntando-lhe Antifão por que razão, se gloriava de tornar os outros hábeis na política, não se ocupava ele próprio desta ciência, que pretendia conhecer: "Que será preferível, Antifão, respondeu Sócrates, consagrar tão somente a minha pessoa à política ou dedicar meus cuidados a tornar grande número de indivíduos capazes de a ela vacarem?" (XENOFONTE, 1987, p. 56).

Ao ponderar sobre o aspecto político, Sócrates apresenta um fato importante, o de tornar o maior número de pessoas conhecedores e aptos à política. Fica nítido sua preocupação com a vida prática e com as relações envolvidas no contexto social e político, enfatizando a importância da integridade e da transparência no agir humano. "Pois costumava dizer que não há mais belo caminho para a glória que um homem de bem ser o que realmente deseja parecer." (IDEM, p. 57).

Em *Memoráveis*, há sempre uma descrição enfática sobre a filosofia

socrática que aponta para o caminho da virtude, da temperança, da vida regrada como um meio sem o qual a sociedade não se edifica na prática do bem comum, pois conforme Xenofonte (1987, p.81), os homens possuem em sua natureza o sentimento de amizade, necessitando assim, uns dos outros. No entanto, está intrínseco também em sua natureza o sentimento de inimizade. Neste aspecto a questão da amizade se configura como uma necessidade para que aja paz, realização dos ideais comuns aos cidadãos. Já a inimizade geraria uma dissolução de interesses, fazendo os homens lutarem uns contra os outros. Portanto, na visão de Sócrates, assim como a amizade gera os sentimentos bons que agregam os homens a um ideal em comum, a inimizade gera os sentimentos ruins, como a cólera, o ódio e a inveja.

A educação para Sócrates é um quesito valioso, pois apresenta-se conforme Xenofonte como condição sem a qual o homem não alcançaria êxitos em sua vida.

Da mesma forma, se recebem educação adequada e o que devem fazer, os melhor dotados dos homens, os mais bem temperados e energéticos de ânimo em tudo que empreendem, tornam-se excelentes, utilíssimos e realizam grandes coisas. Porém, se não recebem educação nem instrução, tornam-se malíssimos e perigosíssimos. Incapazes de discernir o que devem fazer [...] (IBIDEM, p. 133).

Percebemos que Sócrates ao observar o caráter da educação como fundamento para uma boa conduta nos mostra o ato de aprender como emancipatório, quando este evidencia que o homem sem instrução se torna incapaz de discernir, de tomar direção da sua própria vida. No entanto, não se tratava de qualquer educação, mas aquela que estivesse relacionada à sabedoria, e aqui está a característica fundamental da educação socrática narrada por Xenofonte. "Não se apressava em fazer seus discípulos hábeis no falar, haver-se e excogitar-se expedientes. Antes de tudo cria necessário tangê-los à trilha da sabedoria." (XENOFONTE, 1987, p.141). Desse modo, percebemos aqui o caráter pedagógico de Sócrates no ensino de filosofia, relaciona-se a sua própria sabedoria de vida. Sócrates não ensina um conceito, mas dá as condições necessárias para se chegar ao conhecimento. A partir de sua própria experiência de vida, marcada pela humildade, Sócrates ensinava pelo exemplo.

Finaliza-se esse empreendimento com o testemunho de Xenofonte que relata o seu mestre de forma transparente e com uma linguagem descritiva

sensacional.

Quanto a mim, que o vi tal e qual o pinteí: piedoso, de nada fazer sem o assentimento dos deuses; justo, de nunca fazer o menor mal a ninguém, ao contrário prestar os maiores serviços aos que o frequentavam; morigerado, de jamais preferir o agradável ao honesto; prudente, de nunca enganar-se na apreciação do bem e do mal, capaz de penetrar todas essas noções, explicá-las e defini-las, hábil no julgar os homens, apontar-lhes suas faltas, encaminhá-los a virtude e ao bem [...] (IDEM, p. 158).

O interessante na citação apresentada por Xenofonte é que o seu testemunho contradiz totalmente as acusações contra Sócrates. No que diz respeito à acusação de não respeitar os deuses, há a afirmação de que ele não fazia nada sem o consentimento dos deuses. Apresenta ainda um homem com alto senso de justiça, que não fazia distinção de pessoas. Fazia escolhas acertadas, o que poderíamos chamar de sabedoria. Fazia apontamento de erros de seus discípulos, tendo como propósito o encaminhamento ao bem e a virtude, "[...] figurava-se-me fadado a ser o melhor e o mais ditoso dos humanos." (IBIDEM, p. 158). Outrossim, configura-se um perfil de Sócrates traçado por Xenofonte que exalta a figura de um homem com qualidade e grandeza de caráter imensuráveis. Apesar de seus relatos não possuírem o rigor discursivo do pensamento filosófico e a sistematização aprofundada de conceitos da filosofia socrática, constituem uma fonte importante, que contribui para uma fundamentação da filosofia de Sócrates. "Se alguém houver que comigo não concorde, compare o que foi Sócrates com o que foram os outros homens e julgue!" (XENOFONTE, 1987, p. 158).

É importante ressaltar no pensamento de Xenofonte o aspecto do ensino da filosofia ligado a própria postura do mestre. Sócrates não usava discurso dissociado da sua própria vida. Filosofar não era uma exposição conceitual, mas segundo os relatos de Xenofonte um fazer filosófico alinhado a própria postura cotidiana. Sócrates aparece como um cidadão preocupado com a justiça, com a verdade, como alguém que se preocupa com a coletividade. Xenofonte isenta Sócrates de qualquer egoísmo, uma vez que sua própria vida e seus discursos eram sempre direcionados a levar o interlocutor a libertação de sua ignorância assumindo uma postura de autonomia e busca da verdade perante a vida.

2.2 Sócrates segundo o comediógrafo Aristófanes

O objetivo dessa seção é analisar o perfil de Sócrates na famosa comédia grega de Aristófanes, a saber, *As Nuvens*. Ela se constitui em uma importante exposição a respeito da educação sofisticada, bem como em uma ferrenha crítica à forma através da qual esse modelo educacional se instalava na Grécia. O comediógrafo não poupa Sócrates ao incluí-lo como personagem importante na estrutura de sua comédia. A narrativa evidencia, logo de início, a figura de Sócrates, conforme o cenário constituído na peça teatral:

Cenário — É noite. Uma praça; no centro uma estátua de Hermes. Duas casas; uma, paupérrima, de porta fechada, é a de Sócrates. Na outra, de portas abertas, veem-se duas camas. Numa, o velho Estrepsíades se agita; na outra, um rapaz dorme profundamente, coberto até as orelhas. Armários, bancos, lamparinas, vasos, etc. A um canto dois escravos roncam. Ouve-se o canto do galo. (ARISTÓFANES, 1987, p.171)

A partir desse momento, uma série de acontecimentos entra em cena, apresentando os atores em suas peculiaridades e o papel que cada um deles desempenha no enredo. O personagem Sócrates, que interage em cena desde o início, é caricaturado de forma cômica, como um grande palhaço, um trapaceiro, charlatão, embusteiro, a saber, figura antagônica ao que é narrado por Xenofonte e Platão. Xenofonte em *Apologia de Sócrates* (1987, p.165) não cessa de fazer elogios ao mestre da sabedoria. “Quando reflito na sabedoria e grandeza deste homem, não posso deixar de acordar-lhe a memória e a esta lembrança juntar meus elogios.” Platão, em *Apologia de Sócrates*, evidencia na fala de seu personagem o desprezo pelas afirmações de Aristófanes, relacionando-as à sua acusação:

Vejamos: que é mesmo o que afirmam os caluniadores em sua difamação? Como se faz com o texto das acusações, leiamos o das suas: “Sócrates é réu de pesquisar indiscretamente o que há sob a terra e nos céus, de fazer que prevaleça a razão mais fraca e de ensinar aos outros o mesmo comportamento.” É mais ou menos isso, pois é o que vós próprios víeis na comédia de Aristófanes — um Sócrates transportado pela cena, apregoando que caminhava pelo ar e proferindo muitas outras sandices sobre assuntos de que não entende nada. (PLATÃO, 1987, p.6-7).

Analisar Sócrates na perspectiva de Aristófanes é assumir a posição dos seus acusadores, uma vez que a caricatura do personagem se torna contrária aos conceitos e narrações socráticas, bem como os testemunhos de Xenofonte. “Dizei-o, pois, mutuamente, a ver se algum de vós me ouviu alguma vez discorrer, por pouco

que fosse, sobre tais assuntos. Assim ficareis sabendo que é do mesmo estofa tudo o mais que por aí se fala de mim” (IDEM, p.7).

As Nuvens é uma narração que tem como principais personagens Estrepsíades, Fidípedes e Sócrates. Além da narração apontar esses personagens como fundamentais nessa sátira, o arcabouço simbólico constituído na obra apresenta elementos da estrutura social e cultural da época. Estrepsíades é um camponês, rústico, falido, que sofre com as calamidades nas quais se encontra. “Pobre de mim, não posso dormir, mordido pela despesa, pela estrebaria e pelas dívidas! Tudo por causa desse filho aí; e ele usa cabelos compridos, cavalga, guia uma parede e sonha com cavalos... Eu, eu morro [...]” (ARÍSTÓFANES, 1987, p.171). Sua amargura é típica de um homem perturbado pelas dívidas e pela constante preocupação, o que traz na narração um problema, que se estende ao longo da comédia.

Fidípedes, filho de Estrepsíades é um jovem com costumes comuns aos da sociedade aristocrata. É interessante notar que esses hábitos extravagantes provavelmente tenham sido herdados de sua mãe.

Eu levava uma vida rústica e agradabilíssima, embolorado, sujo e à vontade, regurgitando de abelhas, de rebanhos e de bagaços de azeitona... Depois, casei-me com uma sobrinha de Mégacles, filho de Mégacles; eu um camponês, ela, da cidade, orgulhosa, delambida, uma perfeita “grã-fina.” (ARISTÓFANES, 1987, p. 172)

O texto mostra claramente o perfil social e os comportamentos peculiares dos pais de Fidípedes. O pai com seu estilo camponês, homem simples e com hábitos típicos do campo. Sua mãe, uma mulher nobre, com comportamentos peculiares da sociedade aristocrata. Desse modo, Estrepsíades, no início da comédia, insiste em criticar a maneira como seu filho vive, a saber, de maneira irresponsável ao encarar os fatos, uma vez que seu pai era pobre e era com ele que vivia. “Mude seus hábitos e vá aprender o que eu aconselhar.” (IDEM, p. 174). Assim Estrepsíades revelava-se um homem preocupado com o andar de sua vida que a cada dia entrava em decadência. Por esse motivo, uma possível solução surge: a de que seu filho deveria aprender a arte da persuasão e usá-la como mecanismo de justificação na dívida de seus credores. A partir desse momento, o personagem Sócrates é visto como uma grande sofista e Aristófanes não poupa palavras ao classificar os sofistas como verdadeiros enganadores:

De almas sábias é aquilo um “pensatório”...Lá moram homens que, quando falam do céu, querem convencer de que é um abafador, que está ao nosso redor, e nós... somos os carvões! Se agende lhes der algum dinheiro, eles ensinam a vencer com discursos nas causas justas e injustas (IBIDEM, p. 174).

A cena se desenrola inicialmente na tentativa de Estrepsíades em convencer Fídípides a consultar esses homens sábios, que, a seu juízo, seriam a solução para a ruína que as dívidas tinham provocado em suas vidas. No entanto, seu filho reconhece esses homens como criaturas grotescas. “Ah! Já sei, uns coitados! Você está falando desses charlatões, pálidos e descalços, entre os quais o funesto Sócrates [...]” (IBIDEM, p.174). Esta é a primeira característica que aparece do personagem Sócrates e a crítica reside exatamente no seu jeito peculiar de ser, uma figura desagradável, fora dos padrões estéticos da época. Do mesmo modo estamos falando de uma comédia, na qual é normal que os exageros e as excentricidades do personagem venham à tona com a finalidade de provocar a crítica intrínseca na narração, o riso e o entretenimento da plateia.

O ponto de vista relativamente exterior da crítica são as maneiras malcriadas e excêntricas dos representantes da nova educação. Estas despertavam o riso dos Atenenses, porque os seus pontos fracos enriqueciam o inventário das excentricidades humanas e contribuía para o prazer deles (JAEGER, 1994, p.427).

Jaeger, ao citar os representantes da nova educação, está se referindo à educação promovida pelos sofistas, ao método da retórica, da persuasão em detrimento da educação tradicional. É imprescindível ressaltar a crítica feita por Aristófanes à educação proposta pelos sofistas. “[...] *As Nuvens* revela a profundidade da aversão do poeta pela nova orientação do espírito.” (Idem, p.428). Essa aversão pela nova forma educacional instaurada se explica de forma simples quando percebemos os gêneros que se apresentam no contexto do teatro grego. Sua obra é cognominada de comédia, que tem basicamente a intenção de mostrar as grandes figuras da história de forma cômica, o que é o oposto da tragédia, que engrandecia os feitos dos heróis. Igualmente curioso é o fato de Aristófanes usar em sua peça de teatro o personagem Sócrates, pois como sabemos o cenário da obra consiste em mostrar o método dos sofistas. O decorrer da peça mostra que esses homens eram charlatões, que ensinavam a arte do argumento e a vencer um debate mesmo sem ter razão, constituindo-se em uma verdadeira enganação. Mas, afinal porque será que Aristófanes usa o personagem Sócrates como ator principal desse

“pensatório” de enganações e de ridículos argumentos? Jeager (1994, p. 428) afirma: “Era Sócrates de Alopeke, filho de um canteiro e de uma parteira. Sobre os sofistas que raramente visitaram Atenas, tinha ele a vantagem de ser um original mais eficaz no palco, por ser conhecido de toda a cidade.”

A questão do personagem Sócrates assume forma cômica à medida em que sua fisionomia, agregada ao papel que o mesmo assumia na peça, se entrelaça a um jogo de palavras e performances que expunham de forma exagerada o caráter excêntrico das narrativas.

O capricho da natureza tinha até cuidado da sua máscara cômica, dando um aspecto de sileno, de nariz chato, lábios protuberantes e olhos saltados. Era só exagerar o grotesco da sua figura. Aristófanes amontoou sobre a vítima todas as características da classe a que evidentemente pertencia: sofistas, retóricos e filósofos da natureza ou, como então se dizia, meteorólogos (IDEM, p. 428).

A figura rudimentar de Sócrates apresentado como um pobretão maltrapilho, que andava descalço e que tinha uma aparência repugnante se torna controverso quando pensamos no Sócrates como um sofista. Como alguém que ganhava dinheiro em troca do conhecimento, e tendo tantos discípulos que o procuravam por causa de sua fama, poderia morar em uma “choupana” e se vestir de forma decadente?

Caricaturar Sócrates talvez tenha sido um dos principais aspectos da obra. Quando focamos nossa atenção no personagem, percebemos que a todo momento Aristófanes faz chacota do “mestre” dos sofistas, modo através do qual Sócrates é apresentado na obra. A figura do grande sábio, do homem de grandeza de caráter e modelo de virtuosidade que foi apresentado por Xenofonte, em Aristófanes é reduzida a de um mero trapaceiro. Sócrates entra em cena como alguém que anda pelos ares, nas nuvens, a saber, um homem distante da realidade, despreocupado com os problemas práticos da sociedade. “Ando pelos ares e de cima olho o Sol.” (ARISTÓFANES, 1987, p.179). Desse modo, a preocupação socrática apresentada em *As Nuvens*, não passa de uma armadilha, de uma grande tolice, algo distante da realidade, de alguém que está preocupado em investigar os saltos das pulgas e os intestinos dos mosquitos. Assim é apresentado grotescamente o líder dos sofistas.

A retórica é um elemento importante na filosofia sofista e percebemos claramente a estrutura da fala dos personagens organizadas nesse perfil. “O

discurso retórico é constituído das seguintes partes: o proêmio, a narração dos fatos, a refutação da parte contrária e o epílogo. (DIÓGENES LAËRTIOS, 2008, p.191). Sendo assim ao longo da comédia os elementos de uma retórica aparecem.

CORO
 (Da casa de Sócrates saem em duas gaiolas, como dois galos-de-briga, o Raciocínio Justo e o Raciocínio Injusto. Ambos ameaçam atracar-se.)
 JUSTO
 Venha cá, mostre-se aos espectadores, você que é um atrevido!
 INJUSTO
 Vá para onde quiser! Pois muito mais facilmente, falando diante do povo, acabarei com você!
 JUSTO
 Acabará comigo? E quem é você?
 INJUSTO
 Um raciocínio...
 JUSTO
 O fraco...
 INJUSTO
 Mas eu vou vencê-lo a você que afirma que é mais forte do que eu...
 JUSTO
 Com que habilidades?
 INJUSTO
 Encontrando ideias novas.
 JUSTO
 Sim, isso floresce, por causa desses insensatos que andam por aí...
 INJUSTO
 Insensatos não, sábios.
 (ARISTÓFANES, 1987, P.202-203)

O trecho da comédia evidencia o exemplo de uma refutação nas falas dos personagens *justo* e *injusto*. O interessante é perceber que além da crítica feita aos sofistas, o modelo organizacional da comédia usa esses mesmos métodos para criticar a si mesmo.

Aristófanis concebe a educação dos sofistas como um meio pelo qual se atende aos imediatismos subjacentes a cada indivíduo, pois seus interlocutores usam-na apenas como meio para atender as suas necessidades pessoais. Esses mestres do pensamento fundamentavam seus ensinamentos no discurso, desprovido de preocupações com a verdade e com a moralidade. A ideia de que todo argumento pode ser rebatido com um contra-argumento resulta no fato de que esse raciocínio não necessariamente precisa ser verdadeiro, mas deve parecer ser verdadeiro. Os sofistas relativizavam a verdade, parecendo ser verdade qualquer ponto de vista, desde que bem argumentado. “Pode-se, no entanto, desenvolver o dom de pronunciar discursos convincentes e oportunos” (DIÓGENES LAËRTIOS, 2008, p.340).

A questão de colocar Sócrates no cerne da crítica ao modelo educacional

proposto pelo sofista nos faz questionar a respeito do verdadeiro objetivo de Aristófanes ao utilizá-lo em sua comédia, tornando-o personagem relevante. As hipóteses bastante prováveis são que a figura de Sócrates é usada devido a sua popularidade, que ao ser colocado em cena chama a atenção das pessoas para a sua figura, algo que se mostrava infalível. Uma outra possível explicação é que Aristófanes não via muita diferença entre Sócrates e os Sofistas. Seus modelos de educar eram parecidos, já que pareciam persuadir os discípulos da mesma forma. Enfim era um modelo novo de educar no qual todos eram iguais, ambos representando uma certa decadência da moral. De fato, não dá para termos absoluta clareza acerca dos objetivos que possibilitaram esse empreendimento; o fato é que para compreendermos a filosofia socrática ficamos diante de um desafio sem medida, o que requer uma hermenêutica criteriosa dos relatos e dos conceitos atestados por seus contemporâneos.

É curioso notar, que apesar de Aristófanes não ter como objetivo construir um elogio a Sócrates e muito menos sistematizar o seu método filosófico, ao narrar sua vida de forma exageradamente cômica, percebemos elementos do método filosófico similares aos narrados por Xenofonte e Platão.

Em *As nuvens*, como nos outros testemunhos, Sócrates não fala por meio de longos discursos. Utiliza aqui, mais uma vez, o célebre método socrático de perguntas e respostas breves, ou seja, o diálogo, forma que conduz o interlocutor a contradição, à negação da sua verdade inicial, a dúvida e a procura do verdadeiro ser de algo (BERNOIT, 1996, p.29-30).

Desse modo, percebemos na própria comédia e na fala dos personagens elementos importantes do método socrático, a saber, as refutações, as perguntas, a busca por uma conceituação. Apesar de Aristófanes não ter feito uma exposição conceitual da filosofia socrática, até porque o elemento principal de sua obra é a própria comédia, indiretamente ficam perceptíveis elementos do método socrático nas falas dos personagens, quando comumente são utilizadas perguntas, levando o interlocutor a notar suas contradições. Portanto, percebemos em Aristófanes, um método socrático de ensinar filosofia, que apesar da forma típica da comédia e dos exageros retratados, apresentam-se como elementos importantes de um pensar crítico e reflexivo. Sócrates é apresentado nas entrelinhas da comédia como aquele que ensinava a pensar e mesmo com tons de sátira, a fala de Sócrates a seguir atesta o que se afirma. “Fique quieto! E se tiver alguma dificuldade nos seus raciocínios, deixe-a e passe adiante. Depois, movimente-a de novo com o

pensamento e pondere” (ARISTÓFANES, 1987, p.197).

2.3 O Sócrates do filósofo Platão

Não obstante Sócrates seja uma figura emblemática da filosofia e não tenha deixado nenhum escrito de sua autoria, Platão nos apresenta, em uma série de seus diálogos, a vida e a filosofia do seu mestre. A vasta contribuição para o pensar filosófico é de uma significância imensurável, sobretudo quando estamos lidando com o aspecto do ensino da filosofia e da forma através da qual Sócrates expressava suas ideias.

A figura de Sócrates como um homem sábio, de mente superior aos seus contemporâneos surgiu quando um amigo de infância que se chamava Querofonte foi consultar o oráculo no Templo de Delfos, templo este dedicado ao Deus Apolo, conforme é atestado no relato:

Conheceis Querofonte; era meu companheiro desde jovem, bem como da maioria de vós. Foi exilado convosco e convosco voltou. Com certeza que sabeis como era Querofonte, como era impulsivo em tudo aquilo que se entregava. Uma vez foi a Delfos, perguntar ao oráculo – peço-vos que não vos manifesteis contra o que eu estou a dizer, homens -, se havia alguém mais sábio que eu. Em resposta retorquiu a Pítia que ninguém era mais sábio (PLATÃO, 1993, p.71-72).

Percebe-se claramente no relato socrático, no momento em que este fazia a sua defesa, a afirmativa da Pítia acerca de sua sabedoria. No entanto, intrigado com essa afirmativa, pois sabia que o que tinha eram só dúvidas, dedicou-se a questionar o porque da sacerdotisa ter lhe apontado como o mais sábio dentre os homens. “Se eu nem muito nem pouco reconheço ser sabedor, que poderá ele querer dizer, ao afirmar que eu sou o mais sábio?” (IDEM, p.72). Sócrates procura os homens mais admiráveis, mais honrados e que afirmavam serem sábios por seus conhecimentos e percebe que eles pareciam saber muito, mais que eram ignorantes, possuindo apenas um pretensão saber. Outrossim aqui está o paradoxo socrático, a saber, Sócrates sabia que não sabia, e a famosa frase “Só sei que nada sei” atinge um patamar de magnitude em seu pensamento filosófico. “E nisto parece-me que sou um pouco mais sábio que ele, por não saber julgar as coisas que não sei”. (IBIDEM, p.72). Portanto, as revelações délficas fazem nascer em Sócrates uma consciência de que o fato de não saber o coloca em uma posição de abertura para o

saber. O conhecimento nessa perspectiva tem como pressuposto o não saber.

Na passagem da *Apologia* que citamos, Sócrates toma até como objetivo polêmico os políticos, os poetas e os cultores das diversas artes. Salienta a inconsistência quase total de todas essas formas presumidas de “saber”, derivante do fato de que os políticos, os poetas e os artesãos permanecem o mais das vezes na superfície dos problemas, procedem por pura intuição ou disposição natural, ou creram saber tudo pelo fato de dominar uma arte particular. Ora, se estas são as formas de saber reconhecidas pelos homens como tais, o de Sócrates é, justamente um não-saber, no sentido de que o seu não saber não se identifica com aquelas formas de saber. (REALE, 2003, p.109)

Portanto, a confissão de ignorância feita por Sócrates mostrava que, ao contrário do que diziam os supostos sábios, afirmavam categoricamente conhecer aquilo do qual não sabiam por completo; ele, ao menos, era consciente de que não sabia, e isto o tornava sábio. Entretanto, é fundamental salientar que Sócrates era um instigador, um homem que dedicou a sua vida a fazer perguntas. A condição de curiosidade, de abertura ao conhecimento, narrada na maioria dos diálogos platônicos, revela também a sua dedicação com o ensino da virtude e com o bem comum. Laërtios (2008, p. 57) afirma:

Sócrates dizia que diante de uma mulher violenta devemos comportar-nos como os cavaleiros com os corcéis fogosos; "da mesma forma que, quando estes conseguem domá-los, podem lidar facilmente com os outros, eu, na convivência com Xantipe, aprendo a adaptar-me a todas as pessoas". Essas e outras frases e feitos semelhantes testemunham o acerto da sacerdotisa pítia ao dar a Cairefon a famosa resposta: "Sócrates, de todos os homens o mais sábio."

A afirmativa de Diógenes Laërtios aponta mais uma das características do homem sábio apresentado por Platão na obra *Apologia de Sócrates*. Percebe-se dessa forma o equilíbrio emocional de um homem que zelava pelo ensino da virtude e pelo conhecimento, adaptando-se a intempéries da época em que vivia. “Foi graças a Sócrates que o conceito de autodomínio se converteu em uma ideia central da nossa cultura ética. Essa concebe a conduta moral como algo que brota do interior do próprio indivíduo [...]” (JAEGER, 1994, p. 548). Dessa forma, notamos o caráter ético no comportamento de Sócrates ao dar notoriedade à vivência da virtude, ademais o homem sábio e possuidor dessa consciência moral faz uso da razão, estando apto à felicidade e ao bem comum.

O Sócrates narrado por Platão não era conhecido por grandes discursos, ou por extensas oratórias. Aparece constantemente através de diálogos, onde a pergunta, o ato de questionar, torna-se característica marcante de sua filosofia. “São

as perguntas de Sócrates que comandam o encadeamento de conversas que constitui um diálogo socrático típico. Note-se que ao longo do diálogo aparecerão inúmeras perguntas[...]” (SANTOS, 1993, p.16). Desse modo, compreenderemos que sua filosofia é norteada através de uma busca constante pelo conhecimento e que este é a base de qualquer ação praticada pelo indivíduo, conquanto salienta-se que essa ação é individual, depende do esforço particular de cada um, a saber, é inerente à existência humana. “Platão reduz aqui a duas formas fundamentais a peculiar maneira socrática: a exortação (*protreptikos*) e a indagação (*elenchos*). Ambas são elaboradas na forma de perguntas” (JEAGER, 1994, p.525). Assim, o método socrático possui características importantes a serem observadas, a de que a pergunta é um elemento imprescindível na busca pelo conhecimento.

É provável que a atitude questionadora e instigante de Sócrates diante do povo ateniense tenha causado sérios problemas. Um homem de personalidade íntegra e que não poupava palavras para expressar suas verdades não é estimado em nenhuma sociedade, pois gera incômodo, desestabiliza e tira os indivíduos da zona de conforto. Nem todos estão aptos a serem interrogados, a sentir suas certezas postas em dúvida:

Ficai, porém, certos de que é verdade o que eu dizia há pouco, que muita gente me ficou querendo muito mal. O que me vai condenar, se eu for condenado, não é Meleto, nem Ânito, mas a calúnia e o rancor de tanta gente; é o que perdeu muitos outros homens de bem e ainda os há de perder, pois não é de esperar que pare em mim (PLATÃO, 1987, p.14).

Infelizmente este hábito de apontar as falhas e inconsistências no raciocínio alheio pode ter sido a causa da condenação de Sócrates. Seus discursos não agradavam a todos, além disso causava um verdadeiro repúdio naqueles que não queriam aceitar a verdade. Fica nítido em seus discursos o caráter de transparência e de desprendimento. “Perdi-me por falta, não de discursos, mas de atrevimento e descaro, por me recusar a proferir o que mais gostais de ouvir, lamentos e gemidos, fazendo e dizendo uma multidão de coisas que declaro indignas de mim [...]” (PLATÃO, 1987, p.25). Desse modo, torna-se provável que os acusadores de Sócrates esperavam dele um ato de aceitação perante as acusações, ou de arrependimento diante de todos, o que certamente atestava o poderio deles. E, ao contrário do que era esperado Sócrates se mostra confiante em suas convicções, permanecendo de cabeça erguida e notoriamente convicto de suas verdades.

Podemos expressar a missão de Sócrates como sendo o seu constante empenho em conhecer a realidade humana, explorar suas possibilidades e limites. Sua tarefa se concretizava em orientar seus concidadãos a concentrar seus esforços na vivência da virtude. A ocupação de Sócrates tem assim uma característica importante, a de total despreendimento com o conforto. “Essa ocupação não me permitiu lazeres para qualquer atividade digna de menção nos negócios públicos, nem nos particulares[...]” (IDEM, p.10). Assim, Sócrates vivia uma vida modesta em função de um ideal maior, a virtude. Tinha como pressuposto a razão e não o apego aos vícios, aos bens materiais, que geralmente desviam o homem dos atributos da alma, o conhecimento.

A atitude de Sócrates na sociedade ateniense estava direcionada sobretudo à educação acerca do fim último da existência do homem. Esse olhar sobre a vida humana se destaca e instaura uma nova abordagem filosófica. O que antes era tido como foco, a saber, as causas primeiras, é agora o princípio fundante, a própria natureza do homem colocada em questão. O legado socrático assume consistência ao colocar as virtudes universais, tais como justiça, felicidade, bondade no cerne de sua missão de vida.

Outra coisa não faço senão andar por aí persuadindo-vos, moços e velhos, a não cuidar tão aferradamente do corpo e das riquezas, como de melhorar o mais possível a alma, dizendo-vos que dos haveres não vêm a virtude para os homens, mas da virtude vem os haveres e todos os outros bens particulares e públicos (Idem, p.15).

É importante salientar o caráter educativo demonstrado em sua exortação. Apesar das transformações sociais ocorridas na época, Sócrates se mantém convicto de sua missão educativa de levar os homens à melhoria de suas almas. “A filosofia de Sócrates aqui professada não é um simples processo teórico, do pensamento: é ao mesmo tempo uma exortação e uma educação” (JEAGER, 1994, p.527). Nota-se assim a importância do pensamento socrático e as suas contribuições para as reflexões acerca da formação do homem.

Diante das transformações sociais que marcam Atenas, os Sofistas surgem com uma educação capaz de solucionar problemas práticos da vida cotidiana da polis. Mestres das palavras como eram chamados, colocaram em dúvida os valores antigos, assumindo a posição em seus discursos de que o exercício da política estava acessível a todos.

Na realidade, não tem fundamento nenhum essas balelas; tampouco falará verdade quem vos disser que ganho dinheiro lecionando. Sem embargo, acho bonito ser capaz de ensinar como Górgias de Leontino, Pródigo de Ceos e Hípias de Élis. Cada um deles, senhores, é capaz de ir de cidade em cidade, persuadindo os moços – que podem frequentar um de seus concidadãos a sua escolha e de graça – a deixarem essa companhia e virem para a sua, pagando-lhes e ficando ainda, agradecidos (PLATÃO, 1987, p.7).

A crítica de Sócrates ao modelo educacional que se expandia em Atenas se dirigia principalmente à falta de compromisso com a pólis e à exigência de pagamento por essa aprendizagem. Eles eram “[...] retóricos e sofistas estrangeiros sem consciência, que educavam os discípulos na exploração do Estado e no oportunismo político [...]”(JEAGER, 1994, p.576). Por haver uma necessidade de formação de homens hábeis na política, os sofistas preparavam os jovens para a arte da persuasão, de técnicas de convencimento e de oratória. Esse ensino parece de início solucionar os problemas práticos do homem. Portanto, a filosofia socrática vai além das aparências e empenha-se em ensinar ao homem uma vida virtuosa, por entender que a alma humana precisa de cuidados, de constante empenho em direcioná-la para a felicidade e para o bem comum.

Apesar de toda a magnitude da ação socrática em Atenas em prol da virtude e do bem comum, ainda assim não foi suficiente para rechaçar as acusações de “[...] não reconhecer os deuses do Estado, introduzir novas divindades e corromper a juventude” (IDEM, p. VIII). Sócrates não tenta ganhar o júri em nenhum momento, mas, ao longo de sua defesa mostra a precariedade do raciocínio dos seus acusadores. “Neste momento, atenienses, longe de atuar em na minha defesa, como poderiam crer, atuo na vossa, evitando que, com a minha condenação, cometais uma falta para com a dádiva que recebestes de Deus (Ibidem, p.16). Suas palavras impactam radicalmente na natureza das acusações, uma vez que com teor de firmeza, de tranquilidade e de sabedoria, trazem à tona a insensatez daqueles que insistiam em culpá-lo por atitudes que segundo Sócrates eram voltadas para o bem do cidadão ateniense.

A vida dedicada à busca pelo conhecimento e à atenção dispensada aos seus contemporâneos teria fim a partir daquele momento. Em sua defesa, Sócrates se mostra sereno ao saber que as circunstâncias o levariam à morte. Acreditava que “[...] não há para o homem bom, nenhum mal, quer na vida, quer na morte, e os deuses não descuidam de tal destino” (PLATÃO, 1987, p.27). Diante de tamanha clareza da sua tarefa e da importância do seu método, como será explicitado com

maiores detalhes no próximo capítulo, temos em Platão um mestre do saber que tinha plena consciência da vida e da morte. Atenas tinha então matado o homem mais sábio de todos conforme as revelações délficas. Ainda hoje o legado socrático no que concerne ao seu método é estudado e usado como pressuposto de reflexões no âmbito educacional, como veremos no capítulo seguinte, ao detalharmos a maiêutica socrática.

3 DIALÉTICA SOCRÁTICA

A dialética socrática se apresenta através de uma série de diálogos que caracterizam o modo de fazer filosofia adotado por Sócrates. É típico perceber um Sócrates, sobretudo na obra platônica, que não tinha pretensões em convencer por discursos retóricos a uma verdade definitiva. Ao contrário, Sócrates aparece de forma provocante e instigante, valendo-se de perguntas no intuito de despertar no interlocutor a busca por uma verdade que não se encontrava no discurso em si, mas que era encontrada a partir do autoquestionar-se, que não se tratava de uma conversa qualquer, mas de um trabalho árduo de usar a razão na elaboração de um conceito e não a simples e mera exposição de opiniões.

Desse modo, o diálogo socrático é o método *lógos* para chegar a uma conduta reta, isto é, os conceitos que designariam o que somos como seres humanos e os valores nos quais sustentaríamos a nossa ação para a virtude. E é esse mesmo método que Sócrates utiliza para educar aqueles que o interpelam em locais públicos, sem se importar com a casta da sociedade ateniense da qual provinham (PAGNI, SILVA, 2007, p. 27).

A dialética socrática consiste na atitude dialógica, na apresentação de ideias, no debate, na refutação. Por meio do questionamento os argumentos se organizam no intuito de passar por uma reorganização que tem como propósito a verdade. Quando observamos os diálogos platônicos, notamos claramente essas características. Basta observarmos o diálogo *Mênon*, por exemplo. É importante salientar que o diálogo começa com um problema a ser resolvido, a saber, o ensino da virtude é algo a ser aprendido ou se já nascemos com ela.

MEN. Podes dizer-me, Sócrates: a virtude é coisa que se ensina? Ou não é coisa que se ensina, mas que se adquire pelo exercício? Ou nem coisa que se adquire pelo exercício nem coisa que se aprende, mas algo que advém aos homens por natureza ou por alguma outra maneira? (PLATÃO, 2001, p. 19)

A partir do problema apresentado, Sócrates não dará uma resposta cabal por quem era interrogado. Em seguida ele pergunta: mas o que é a virtude? Ou seja, antes de entender se ela era aprendida ou se já nascemos com ela, seria importante, antes de tudo, examinar em que ela consiste. Portanto, percebemos que o objetivo da dialética socrática era o de compreender as ideias oriundas de seus interlocutores, analisa-las e se necessário refutá-las.

A temática fundamental adotada por Sócrates, nas discussões com seus

contemporâneos, voltava-se geralmente para a essência do homem; dessa forma ele inaugura uma nova forma de abordagem filosófica, não só pelo método de filosofar, mas pela centralidade na vida do homem. Para isso, Sócrates pretendia descobrir a verdade através do ato de indagar; procurava desmascarar a imposição dos conhecimentos e certezas através de uma desconstrução. Desse modo, aquilo que se mostrava insustentável quando submetido ao crivo da refutação, a saber, a opinião, era também objeto de crítica em meio à defesa do relativismo presente no método de ensino dos sofistas.

Para conhecer a posição que Sócrates ocupava na filosofia antiga e a sua feição antropocêntrica, é importante não perder de vista a sua relação com as grandes forças espirituais do seu tempo. Abundam surpreendentemente nele as referências ao exemplo da Medicina. E não são causais: relaciona-se com a estrutura essencial do seu pensamento, com a consciência de si próprio e com o ethos de toda a sua atuação. Sócrates é um autêntico médico, a ponto de, segundo Xenofonte, não se preocupar menos com a saúde física dos seus amigos do que com o seu bem-estar espiritual. Mas é sobretudo o médico do homem interior (JAEGER, 1994, p. 520).

Tendo em consideração a passagem citada anteriormente, podemos destacar o caráter antropológico nas discussões de Sócrates. A dialética socrática tinha como fundamento basilar o aperfeiçoamento do espírito humano, e isso fica claro quando este propõe um exame da própria consciência à medida que interroga, duvida e desestabiliza uma ideia de seu interlocutor. Desse modo, dialogar com Sócrates era, antes de tudo, realizar um movimento de introspecção na própria vida, o que caracteriza um exame moral. O ato de conhecer a si mesmo representa uma condição preliminar para lidar com as situações externas, e isso causava inquietações constantes nos seus discípulos e levava-os a refletirem sobre seus princípios e valores. “Se toda investigação e todo saber é apenas uma reminiscência, é porque toda investigação é um voltar-se para si, é porque todo saber é antes de tudo saber de si, um contemplar a profundidade de si mesmo, é um conhecer-se a si mesmo” (BERNOIT, 1996, p. 61). Portanto, o saber socrático tinha como essência o conhecimento de si mesmo, que em seus diálogos geralmente tratava de temas gerais como, por exemplo, o que é a justiça, o que é a coragem, como seria a cidade justa, o que é a virtude. E partindo desses temas geradores surgiam novas perguntas com caráter mais específico, como qual o papel do governante, qual o papel da guerra na vida do povo, quais seriam as condutas do homem justo. Assim, as perguntas tinham o objetivo de se chegar a uma melhor

forma de pensar e refletir sobre aquilo que se afirmava conhecer, por meio da atividade dialética da indagação e do questionamento.

O método e a dialética de Sócrates também estão ligados a sua descoberta da essência do homem como *psyché*, porque tendem de modo consciente a despojar a alma da ilusão do saber, curando-a dessa maneira a fim de torná-la idônea a acolher a verdade. Assim, as finalidades do método socrático são fundamentalmente de natureza ética e educativa, e apenas secundária e mediatamente de natureza lógica e gnosiológica (REALE, 2003, p. 100).

É lúcido perceber na citação de Reale o caráter educativo por excelência que permeia o pensamento socrático. Temos como princípio básico uma pergunta que perpassa a ilusão do saber. A indagação presente no método socrático invade a zona das certezas dogmáticas e gera uma desestabilização do pensamento o que torna educativo o processo de aprendizagem. É notório ainda nesse contexto a dimensão ética que se faz presente no pensamento socrático. Há sempre uma preocupação com a construção do pensamento aliada à prática da virtude. Não obstante as discussões partam dos problemas concretos da vida do homem, Sócrates, ao questionar as “certezas absolutas”, incrementa no diálogo um passo importante: o de abrir um panorama de possibilidades para o debate e a construção do conhecimento, que agora está apto a “dar à luz”.

A dialética de Sócrates coincide com o seu próprio dialogar (*dia-logos*), que consta de dois momentos essenciais: a “refutação” e a “*maiêutica*”. Ao fazê-lo, Sócrates valia-se da máscara do “não saber” e da temida arma da “ironia”. Cada um desses pontos deve ser adequadamente compreendido (REALE, 2003, p.101).

Portanto, os passos seguintes terão como intento fundamental explicitar os dois momentos importantes da dialética socrática: a ironia e a *maiêutica*. A forma como a filosofia de Sócrates se desdobra na sociedade ateniense é categoricamente peculiar, o que traz a necessidade de um olhar atento e criterioso nos principais conceitos imbuídos no seu método.

3.1 A ironia: desconstrução das opiniões (*doxai*)

A ironia Socrática constitui uma parte importante do método e a sua constituição se dá sumariamente pela pergunta, uma forma eficaz de perceber no interlocutor a insuficiência da resposta dada. A fragilidade do discurso apresenta-se

aqui sob o termo *doxa*, pois trata-se de uma mera opinião, fruto de uma concepção superficial das coisas. Sócrates estava sempre a perguntar, como podemos perceber no diálogo a seguir:

A razão de eu exigir em nosso diálogo tamanha precisão é sabermos se não há em nós um princípio, sempre o mesmo, com o qual, por meio dos olhos, atingimos o branco e o preto, e, por meio de outros e órgãos, outras qualidades, e se, interrogado, poderias relacionar tudo isso com o corpo. Mas talvez seja melhor que a resposta parta de ti mesmo, em vez de eu formulá-la com tanto trabalho. Dize-me o seguinte: os órgãos por intermédio dos quais sentes o quente e o seco, o leve e o doce, tu os localizas no corpo ou noutra parte? (PLATÃO, 2001, p. 99)

Sócrates enfatiza, nesta parte do diálogo *Teeteto*, a importância da resposta partir do interlocutor. Desse modo, coloca-se na posição de observador crítico, uma vez que a pergunta é parte integrante de toda a sua dialética. É curioso notar que suas perguntas não geram a satisfação e o conforto de uma resposta dada, de uma questão com resolução simples, comuns ao senso comum. Ademais, suas perguntas provocam os sentidos e incitam o direcionamento de uma trilha de questionamentos que se desenrolam conforme a subjetividade dos envolvidos no diálogo.

No diálogo *Mênon*, cuja temática, e aqui vale uma vez mais ressaltar, é sobre a questão da virtude, na tentativa de saber se a mesma pode ser ensinada através da prática ou se é algo inato ao ser humano, Sócrates é interrogado:

MEN. Podes dizer-me, Sócrates: a virtude é coisa que se ensina? Ou não é coisa que se ensina mas que se adquire pelo exercício? Ou nem coisa que se adquire pelo exercício nem coisa que se aprende, mas algo que advém aos homens por natureza ou por alguma outra matéria? (IDEM, p. 19)

Obviamente Mênon espera de Sócrates uma resposta plausível à questão. No entanto, é interessante observarmos, logo no início do diálogo, a forma como Sócrates conduz a questão, a saber, sempre caracterizado por perguntas, a peculiar ironia Socrática que encontrava nas opiniões um caminho a ser trilhado em direção ao conhecimento. Assim, Sócrates responde à indagação:

Eu próprio, em realidade, Mênon, também me encontro nesse estado. Sofro com meus concidadãos da mesma carência no que se refere a esse assunto, e me censuro a mim mesmo por não saber absolutamente nada sobre a virtude. E, quem não sabe o que uma coisa é, como poderia saber que tipo de coisa ela é? Ou te parece ser possível alguém que não conhece absolutamente quem é Menon, esse alguém saber se ele é belo, se ele é rico, e ainda se é nobre, ou se é mesmo o contrário dessas coisas? Parece-te ser isso possível? (PLATÃO, 2001, p. 21)

Percebe-se que Sócrates não responde ao problema proposto, apresentando a sua ignorância, o seu não saber. Esse esvaziamento de opções característico em sua filosofia é o caminho aberto para a construção do conhecimento, a saber, o despertar da consciência, o estopim de um saber presente no sentido do “conhece-te a ti mesmo”. Outrossim, é característico dessa fase inicial do discurso, a ironia, que tinha como elementos essenciais a pergunta, a demonstração da contradição do argumento e a refutação.

É notória a percepção da ironia na forma em que Sócrates conduz o diálogo acerca do conceito de virtude. Percebe-se que Mênon fazia parte da maioria dos cidadãos atenienses que trazia consigo uma certa arrogância intelectual. O mesmo espera que Sócrates, de imediato, dê uma resposta plausível para o problema levantado, como ficou claro no início do diálogo. No entanto, Sócrates sempre parte do princípio de nada saber, ou saber que nada sabia, postura importante no processo de conhecimento. Essa honestidade intelectual incomoda Mênon: “Mas tu, Sócrates, verdadeiramente não sabe o que é a virtude, e é isso que, a teu respeito, devemos levar como notícia para casa?” (IDEM, p. 21). Mênon usa o argumento questionando a autoridade de Sócrates, como é possível que o famoso homem sábio não saiba sobre a virtude. No entanto, Sócrates, valendo-se da ironia, refuta seu questionamento respondendo da seguinte forma: “Não somente isso, amigo, mas também que ainda não encontrei outra pessoa que soubesse, segundo me parece” (IBIDEM, p. 21). Fica evidente que as ideias eram provenientes de preconceitos e opiniões.

Platão (2001, p. 27), no diálogo entre Mênon e Sócrates, torna evidente as características da ironia, em especial a refutação, conforme é exposto:

MEN. Que outra coisa seria senão ser capaz de comandar os homens? Se é verdade pelo menos que procuras uma coisa única para todos os casos.
 SO. Mas é certamente o que procuro. Mas então, Menon, é a mesma virtude, a da criança e a do escravo: serem, ambos, capazes de comandar o seu senhor? E te parece que ainda seria escravo aquele que comanda?
 MEN. Não me parece absolutamente, Sócrates.
 SO. Não é provável, com efeito, caríssimo. Pois examina ainda o seguinte: afirmas que a virtude é ser capaz de comandar. Não deveremos acrescentar aí “com justiça, e não injustamente”?

A estrutura típica do diálogo socrático evidencia a complexidade discursiva e filosófica. Sócrates, ao questionar Mênon acerca de suas convicções, mostrava, através das perguntas, as contradições envolvidas nas afirmações. Esse

método que Sócrates utilizava fica ainda mais claro (IDEM, p. 27), quando Mênon afirma: “Pois a justiça é virtude”. Porém, de imediato Sócrates o questiona. “É virtude, Mênon, ou uma virtude?” Nota-se o cuidado com a conceituação das ideias, pois tratava-se de uma diferenciação semântica que levaria por caminhos diferentes. A ironia é manifestada como desconstrução de ideias formadas no cotidiano, que em sua maioria não fogem ao senso comum ou ao campo do questionamento.

Fica explícito na passagem que a ironia socrática não remetia à figura de linguagem, mas ao ato de perguntar. Desse modo, mostra antes, a fragilidade do conceito, levando-o a contradição e a refutação. O que fica notório é a forma peculiar de Sócrates fazer filosofia, que é exatamente a não aceitação de respostas prontas, inacabadas, muitas vezes permeadas de características dogmáticas. Um conceito apresentado a Sócrates precisava passar pelo método, uma vez que ao ser posto à prova, notava-se as incoerências e inconsistências do discurso. Esse verdadeiro trabalho de partejar ideias levava sobretudo ao interlocutor o conhecimento do não saber, passo importante na metodologia socrática para se chegar ao conhecimento.

A ignorância de Sócrates, com efeito, não era de maneira alguma uma ignorância empírica, muito pelo contrário, ele tinha lido tanto os poetas quanto os filósofos, tinha também muita experiência nas coisas da vida, de modo que no sentido empírico ele não era ignorante. Mas, por outro lado era ignorante no aspecto filosófico. Era ignorante quanto a aquilo que está no fundamento de tudo, o eterno, o divino, quer dizer, ele que isto era, mas não sabia o que isto era, ele tinha isto em sua consciência e contudo não o tinha em sua consciência, na medida que a primeira coisa que ele podia predicar a respeito era que nada sabia a respeito (KIERKEGAARD, 1991, p. 135).

É importante compreender esse não saber socrático na perspectiva em que Kierkegaard apresenta, ou seja, a ignorância de Sócrates acerca do fundamento último das coisas. Quando se faz uma reflexão aprofundada, percebe-se que esse não saber é um movimento dialético, uma vez que não se trata de algo meramente empírico onde é possível descrever suas características dando-lhe um adjetivo. O não saber de Sócrates se refere mais profundamente aquilo que não é possível descrever de maneira apressada sem antes passar por uma intensa investigação filosófica, para se chegar a constatação. O não saber aqui assume o caráter da liberdade que Sócrates tinha de perguntar, ao mesmo tempo que o interlocutor não gozava dessa liberdade, pois o mesmo ao ser interrogado era como que instigado ao desejo de conhecer. Aqui está uma das características fundamentais desse caminho socrático de condução ao conhecimento. “Ele libertava assim, decerto, o

indivíduo de qualquer pressuposição, liberava-o assim como ele próprio era livre; porém, a liberdade que ele próprio gozava em satisfação irônica [...]” (IDEM, p. 138).

Sócrates, ao perguntar, percebia a insuficiência nos elementos que justificavam o argumento. Contextos contidos na conceituação que, em sua grande maioria, eram oriundos de preconceitos e opiniões subjetivas. Por isso o grande objetivo da ironia é fazer o interlocutor reconhecer a própria ignorância, forçando-o a definição sobre algum assunto em questão. No decorrer do processo de questionar e demonstrar as contradições no argumento, surgem elementos novos, onde é possível tentar uma nova definição. Muitas vezes a habilidade de usar um interrogatório ininterrupto irritava e embaraçava a cabeça do interlocutor. Mas aqui é importante notar que o método socrático é comparado ao trabalho de parto, e por fazer alusão ao mesmo, carrega a analogia das dores do processo de “dar à luz”. Formar uma ideia, uma conceituação livre de características dogmáticas e preconcebidas não é uma tarefa fácil, por isso é comum os interlocutores de Sócrates se irritarem com sua arte de trazer à luz a constatação dos limites do nosso conhecimento. Por fim, era comum o interlocutor se sentir cansado, exausto e na maioria das vezes reconhecia a sua ignorância e quando este a reconhecia, temos então o primeiro passo para o conhecimento.

3.2 A maiêutica: a arte de partejar do filósofo Sócrates e a formação do conhecimento filosófico (episteme).

A maiêutica socrática consiste basicamente em tentar guiar o interlocutor a produção de novos conceitos e ideias a partir do despojamento de tudo aquilo que se supõe saber. Temos aqui um passo importante para o conhecimento, uma vez que o indivíduo faz jus à etimologia da palavra maiêutica como a arte de partejar. No caso, Sócrates não fazia parto de homens, mas parto de ideias. Sua arte consistia em fazer seus contemporâneos reconhecerem sua ignorância e a partir daí chegar a constatação dos limites do conhecimento, da impossibilidade de formular uma definição. Fica evidente que não era um processo fácil, ademais consistia em um verdadeiro trabalho de parto. A pessoa muitas vezes se via esgotada, mas no decorrer do processo ela percebia que tudo isso tinha um propósito, a concepção de um conhecimento e que isso o permitiria vislumbrar a luz da verdade.

A minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das parteiras, com a diferença de eu não partejar mulher, porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, em seu trabalho de parto. Porém a grande superioridade da minha arte consiste na faculdade de conhecer de pronto se o que a alma dos jovens está na iminência de conceber é alguma quimera e falsidade ou fruto legítimo e verdadeiro (PLATÃO, 2001, p.47).

Sócrates relaciona a sua arte, a maiêutica à atividade de sua mãe, que era parteira. Essa por sua vez era estéril, uma vez que pela idade já não podia mais gerar filhos. No entanto, mesmo sendo incapaz de engravidar, ajudava outras mulheres no trabalho de parto. A velha parteira, possuía a habilidade de conduzir o processo daquelas que, por sua inexperiência, enfrentavam as adversidades do trabalho de parto. “Como muito bem sabes, não servem para exercer o ofício de parteira as mulheres que ainda concebem e dão à luz, mas apenas as que se tornaram incapazes de procriar” (IDEM, p. 45). Outrossim, fica evidente a importância da experiência. É necessário ter passado pelo mesmo processo para que se possa conduzir com autoridade e eficiência aquelas que passariam pelo trabalho de parto. Por se tratar de uma tarefa de grandeza imensurável, o trabalho de dar à luz a ideias, é comparado ao trabalho das parteiras, pois “[...] o mais importante e belo trabalho das parteiras consistiria em decidir entre o verdadeiro e o falso [...]” (PLATÃO, 2001, p. 47). O mesmo ocorre, segundo Sócrates, com o conhecimento, pois cabe ao “parteiro” do conhecimento saber se o argumento do interlocutor é fruto do conhecimento, sendo, portanto, verdadeiro, ou apenas resultado de uma mera opinião, refletindo até que ponto essa ideia é falsa.

Sócrates, ao utilizar a sua arte de partejar o conhecimento deixava explícita a vantagem de buscar e desejar conhecer. “Se depois disto, Teeteto, voltares a conceber, e conceberes mesmo, ficarás cheio de melhores frutos, graças à presente investigação” (IDEM, p.47). O fator importante do método apresentado por Sócrates está na possibilidade de o indivíduo sair do mundo das opiniões, dos preconceitos, da relativização do conhecimento como bases estruturantes do seu agir e perceber o mundo, para a característica fundamental: o pensar por si mesmo. A esse exercício chamamos de maiêutica socrática, que consistia em partejar as ideias de seus interlocutores:

E, assim, passamos ao segundo momento do método dialético. Para Sócrates, a alma pode alcançar a verdade apenas “se dela estiver grávida”. Com efeito, como vimos, ele se professava ignorante e, portanto, negava firmemente estar em condições de transmitir um saber aos outros ou, pelo

menos, um saber constituído por determinados conteúdos. Mas, da mesma forma que a mulher que estiver grávida no corpo tem necessidade da parteira para dar a luz, também o discípulo que tem a alma grávida de verdade tem necessidade de uma espécie de arte obstétrica espiritual, que ajude essa verdade a vir a luz, e essa exatamente a “maiêutica” socrática (REALE, 2003, p. 102-103).

A analogia socrática do conhecimento ao parto e à obstetrícia tem uma relação fundamental com os processos que ocorrem em ambos. O ato de conhecer para Sócrates, torna-se uma possibilidade quando o indivíduo se abre ao novo, a buscar inconstantemente o saber. Por isso que a ironia é o momento imprescindível para que o indivíduo reconheça a sua ignorância e a partir de então possa inferir acerca do saber que há de provir.

É este o sentido da célebre fórmula socrática “Só sei que nada sei”, a ideia de que o reconhecimento da ignorância é o princípio da sabedoria. A partir daí o indivíduo em o caminho aberto para encontrar o verdadeiro conhecimento (*episteme*), afastando-se do domínio da opinião (*doxa*) (MARCONDES, 2010, p. 48).

Conforme descrito anteriormente por Marcondes, quando o indivíduo reconhece a sua ignorância, abre-se a possibilidade do conhecimento verdadeiro. Desse modo, o dar à luz as ideias é um momento novo, único, individual. Um processo que é resultado de um agir próprio e não uma sujeição as ideias contaminadas pelas opiniões. A discussão e as constantes interrogações fazem parte de um processo em que o interlocutor é guiado para que nasça dele próprio o conhecimento (*episteme*). Portanto, a dialética que acompanha todo o processo do método socrático, inicialmente pela ironia e depois pela maiêutica tem um propósito pedagógico, a fruição do saber, pois como podemos perceber:

A dialética é assim também inicialmente um processo de abstração, que permite com que se chegue à definição de conceitos. Deve admitir provisoriamente contradições para que elas sejam superadas. Não há respostas prontas, trata-se sempre de um processo que visa levar o interlocutor a reconhecer a fragilidade de suas próprias crenças e ver que aquilo que diz não é o que parece ser. Através do diálogo a opinião, que se crê certa de si mesma, ao se expor se revela contraditória, inconsequente. O método dialético não substitui de início a certeza da opinião por uma outra certeza, mas é um método negativo, exigindo uma atitude crítica, mostrando a necessidade de uma interrogação, e um questionamento dessa própria opinião, de sua origem, de seus fundamentos (MARCONDES, 2010, p. 53).

E muito comum perceber Sócrates, ao dialogar com seus interlocutores, incitando-os a autoquestionar-se. O reconhecimento das contradições tinha um propósito maior, que era a superação através da construção de um saber

verdadeiro, dotado de autocrítica. No *Teeteto*, Sócrates demonstra esse problema típico do indivíduo que se encontra na *doxa*, como podemos notar no diálogo:

Sócrates – Por imaginares, talvez, que alguém possa ter conhecimento seja do que for, quando julga que uma mesma coisa ora pertence a um determinado objeto, ora a outro, ou quando, acerca do mesmo objeto opina de um jeito ou de outro, conforme as circunstâncias.

Teeteto - Eu não, por Zeus!

Sócrates - E não te recordas de que era isso mesmo o que ocorria quando tu e os outros começastes a aprender a ler? (PLATÃO, 2001, p. 135)

Sócrates coloca de forma clara o quão embaraçadas são as ideias do indivíduo que não chegou ao conhecimento. Esse problema é típico daqueles que se deixam levar pelas opiniões e que conduzem suas ideias conforme o melhor lhe aprouver. No entanto conhecer não é um processo simples, como provavelmente muitos de seus contemporâneos pensavam. Conhecer é antes de tudo chegar ao reconhecimento do não saber. E quando Sócrates compara seu método ao parto, este deixa explícito que o mesmo é um caminho doloroso, que antes de tudo é necessário passar por uma purificação, saindo das velhas opiniões e abrindo-se ao conhecimento novo. Este por sinal, ao passar pelo método já não se encontra embaraçado, mas capaz de fazer inferências à luz da verdade e de forma clara; afinal a maiêutica possibilita a conceituação. “Assim, quem acrescentar à opinião verdadeira de um ser a diferença que o distingue dos demais, terá adquirido o conhecimento do que antes ele tinha apenas opinião” (IDEM, p. 137). A grandeza do método socrático se encontra na possibilidade de tirar o interlocutor de uma condição de falso saber ao conhecimento, a *episteme*. “Enquanto eu não fazia mais do que opinar, não alcançava com o pensamento aquilo por que te distingues dos demais (IBIDEM, p.138)”. Portanto, a saída das opiniões somente é possível quando se busca à definição, a conceituação, uma vez que ela é resultado do processo de conhecimento. Isso não implica em uma resposta pronta, mas em uma consciência de que o conhecimento é um processo de busca, já que é dialético.

4 MATERIAL E MÉTODOS: O EXERCÍCIO DO PENSAR FILOSÓFICO NA PERSPECTIVA DA MAIÊUTICA SOCRÁTICA.

Trabalhar a filosofia no ensino médio exige um olhar especial na construção do pensar filosófico. Desse modo a pesquisa aqui intitulada como “Metodologia do Ensino da Filosofia no Ensino Médio, na Perspectiva da Maiêutica Socrática” tem o propósito não só de investigação biográfica, bem como a análise do fazer filosófico através da leitura, investigação de textos, debates e reflexões compartilhadas, tendo como referência a maiêutica socrática. Outrossim, a pesquisa de campo foi realizada na escola Tancredo Nunes de Menezes, na cidade cearense de Tianguá, conforme as etapas que serão descritas posteriormente.

A questão do ensino da filosofia, quando ligado à necessidade de um fazer pedagógico que se adeque às exigências específicas dos alunos do ensino médio, é sempre uma questão complexa. Surgem diversos questionamentos quando queremos traçar um perfil que melhor se adapte ao estilo formativo dos jovens do ensino médio. Afinal, qual o melhor meio para ensinar filosofia? Aulas teórico-expositivas? Aulas vivenciais com temáticas filosóficas? Pesquisas? Quando o assunto é o livro didático surge outro questionamento: qual é o melhor livro a ser adotado? O que tem mais exercícios que preparem para o Enem? O que trata a filosofia de forma conteudista com um forte aprofundamento histórico? Ou aquele que é compacto e que trabalha de forma sistemática problemas filosóficos atuais? Qual seria a melhor opção? Ou talvez nenhuma dessas opções citadas sejam viáveis? Responder a essas angústias e anseios que permeiam a prática de ensino da filosofia no ensino médio não é uma tarefa simples. O fato é que quando falamos em exercício do pensar filosófico dentro do ensino de filosofia na educação básica não podemos deixar de refletir acerca das estratégias mais viáveis à prática docente.

Um dos aspectos mais problemáticos do assunto em análise é o como fazer da aula de filosofia um exercício de filosofar, isto é, um ensino filosófico da filosofia, ou, em termos mais simples, como evitar que a aula de filosofia se transforme em mera transmissão de conhecimento de filosofia de uma perspectiva apenas didática (SOFISTE, 2007, p.19-20).

O desafio para o professor de filosofia, como podemos perceber é extremamente grande. O fato é que o ensino da filosofia não deve ser encarado como uma excelente transmissão didática, onde o aluno aprendeu aquilo que o

professor se prontificou a ensinar. Ensinar filosofia, principalmente na perspectiva socrática é fazer com que os alunos sejam sujeitos do desenvolvimento do saber. Desse modo, o professor Juarez Sofiste apresenta um fato inquietante acerca do ensino da filosofia no ensino Médio. Ele aponta que segundo as pesquisas na área, “[...]uma das razões para o não sucesso, em geral, da filosofia, na Educação Básica é decorrente do equívoco muito comum entre nós, professores de filosofia, de confundir “filosofia” com “cultura filosófica” [...] (2007, p.20). É notória a necessidade da autorreflexão no que concerne ao ato de ensinar filosofia como prática frequente do professor que leciona filosofia, em especial, na educação básica. É preciso pensar sobre qual o perfil de aluno de filosofia que queremos. Aquele que detêm um saber culturalmente vasto, sendo capaz de obter êxito nos exames ou aquele que é capaz de pensar de forma dialética, de criar e recriar seu próprio caminho intelectual, capaz de agir e pensar criticamente, fazendo escolhas autônomas. A questão que Juarez Sofiste coloca sobre o ensino de filosofia tendo como foco a preparação para exames de vestibulares é a seguinte:

Se em geral a educação média é treinamento para o vestibular, evidentemente que nessa “coisa de treinamento” não tem espaço para a filosofia, uma vez que a filosofia e treinamento são coisas que não se combinam. Causa-nos espanto, náusea, insônia essa ideia de cobrança de conteúdos de filosofia no vestibular, isto é, vestibular tal como instituído e praticado pelas universidades públicas, como caminho para o reconhecimento e valorização da filosofia (1997, p.25).

A crítica maior em relação à preparação para exames aqui exposta não se dá unicamente ao exame em si, mas também ao direcionamento da filosofia a um treinamento, o que a torna limitada. O lugar da filosofia no ensino médio deve ser o espaço do fazer filosófico. A construção de um saber que se fundamenta no diálogo, na pesquisa, na liberdade de pesquisar e pensar, na pergunta, nas refutações, na valorização da pluralidade de ideias e na subjetividade dos sujeitos que interagem nesses espaços de aprendizagem. É lúcido que avaliar o conhecimento filosófico não seja a pior estratégia, mas que essa seja aliada fundamentalmente a questão essencial, a construção do conhecimento no viés filosófico. É necessário tirar do foco uma preparação conteudista para uma avaliação, pois o mais importante é vivência filosófica dos estudantes nesses espaços, que além de contribuir para o exercício da autonomia fomenta a cidadania, com indivíduos capazes de fazer inferências esvaziadas de meras opiniões. Portanto, tais reflexões são importantes

para a pesquisa aqui desenvolvida, uma vez que pretendemos através do método socrático possibilitar as condições ideais para o pensamento filosófico.

Fundamentando-se na maiêutica socrática, a metodologia a seguir, utilizada sob o método de pesquisa do grupo focal tem como objetivo colocar o aluno como protagonista do próprio conhecimento. Através da amostragem e das discussões do grupo serão utilizadas inferências acerca do ensino da filosofia. A pesquisa tem como campo de desenvolvimento uma das escolas que constituem a rede estadual de educação básica do Ceará.

4.1 Métodos e análises através de um grupo focal

A técnica de análise nessa pesquisa, que tem teor qualitativo, teve como método a constituição de um grupo focal. Salienta-se a necessidade de compreender grupo focal como um espaço propício para o debate e o surgimento de ideias.

Como uma forma de método qualitativo, os grupos focais são basicamente entrevistas em grupo, embora não no sentido de alternância das questões do pesquisador e as respostas dos entrevistados. Em vez disso, o resultado será a confiança na interação dos membros do grupo, baseada nos tópicos fornecidos pelo pesquisador que, na maioria das vezes, é também o moderador (OLIVEIRA, FILHO, RODRIGUES, 2007, p.4).

A ideia de trabalhar o grupo focal está na necessidade e na complexidade do fazer filosófico a partir da filosofia socrática. A valorização do espaço propício para as ideias foi uma preocupação inicial. Desse modo a escolha do grupo como uma forma de verificar o contato dos jovens do ensino médio com a filosofia foi fundamentalmente estruturada para que, no grupo, pudessem ser fomentadas as ideias dos participantes.

Para este trabalho foi escolhida a Escola de Ensino Médio Tancredo Nunes de Menezes, localizada na cidade de Tianguá-CE. Foram convidados os alunos das turmas iniciais do período da manhã para composição de um Grupo Focal composto por 8 pessoas. A caracterização das turmas convidadas segue explicitada na tabela 1.

Tabela 1 - Quantidades de alunos do 1º ano do ensino médio, período matutino.

					Total
Turmas	A	B	C	D	4
Números de alunos	42	42	41	39	169

Fonte: Professor Online – Seduc-Ce

O convite à formação do Grupo Focal foi feito aos 169 que compõem o quadro discente das 4 turmas iniciais do período matutino. Por ocasião do convite foi esclarecido do que se tratava a pesquisa, bem como seus aspectos éticos. É importante ressaltar que o convite se deu logo no início das aulas, pois os mesmos ainda não tinham tido o contato com o ensino da filosofia. O propósito é fazer a análise, segundo a proposta do projeto de pesquisa, se o método de perguntar e de instigar o aluno, pautando-se na maiêutica socrática, é viável ou não. Temos ainda como objetivo saber os impactos que esse método de ensinar e aprender traz na educação do jovem. É importante ressaltar que o motivo da escolha do público-alvo partiu da hipótese de que é possível sair do campo das opiniões (*doxai*) ao conhecimento (*episteme*). Desse modo, além de analisarmos o conhecimento prévio dos alunos que chegam ao ensino médio, apresentamos uma forma de buscar o conhecimento a partir da própria conscientização de sua importância, colocando o aluno como protagonista no processo de aprendizagem.

A propositura de questionamentos e reflexões tendo como pressuposto a maiêutica socrática com alunos recém-chegados no ensino médio tem como um dos objetivos possibilitar uma reflexão acerca do próprio conhecimento e do papel do discente durante a caminhada filosófica a ser trilhada durante os três anos que compõem o ensino médio. A fundamentação para essa hipótese está no método socrático, pois acredita-se no pressuposto de que as perguntas e a construção de um espaço propício ao pensamento e a reflexão podem melhorar significativamente o ensino e a aprendizagem dos alunos e conseqüentemente na construção da autonomia e do pensamento crítico e reflexivo.

O primeiro passo para a composição do grupo focal foi a elaboração e planejamento dos instrumentais a serem utilizados no grupo. Depois de todo o planejamento, foi o momento de fazer o convite às turmas. Foi feita a apresentação dos objetivos básicos da pesquisa conforme o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), que é um componente obrigatório conforme a aprovação desse

projeto de pesquisa no comitê de ética da UFC. Desse modo o convite foi feito às quatro turmas do período matutino, conforme tabela 1. A recepção ao convite foi positiva, e à medida que os mesmos manifestavam a disponibilidade para a pesquisa, fechamos o grupo em 8 pessoas. Como item importante para a participação na pesquisa, os integrantes entregaram a assinatura do termo de consentimento do menor de idade, contendo a assinatura dos pais ou responsáveis autorizando a participação dos mesmos.

O primeiro passo para a realização do grupo focal foi uma reunião com os membros, composta por 8 alunos do 1º ano do Ensino Médio. No encontro, os jovens foram informados dos procedimentos dos encontros do grupo focal, conforme a organização didática no Quadro 1. É importante ressaltar que todo o planejamento das etapas do grupo focal foi pensado para que os participantes pudessem ter um espaço aberto para o diálogo e a reflexão, que pudessem ser ouvidos e interrogados no intuito da construção de uma aprendizagem participativa. “Pela sua capacidade interativa e problematizadora, o grupo focal como técnica de coleta e de análise de dados se constitui em uma importante estratégia para inserir os participantes da pesquisa no contexto das discussões de análise” [...] (BACKES, et al, 2011, p.441).

Quadro 1 - Organização didática do Grupo Focal.

Encontros	Ações realizadas
1º	Apresentação e integração dos membros; Definições dos objetivos dos encontros; Acordo de convivência; Discursões conforme o Quadro 2
2º	Sorteio do tema para análise, Tabela 2 Questionamentos sobre o tema, Quadro 3 a 9.
3º	Leitura do texto para embasamento do tema escolhido.
4º	Episteme: questionamentos após a leitura do texto, conforme explicitado no Quadro 10 a 14;
5º	Aplicação do questionário, conforme Tabela 3

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

O roteiro programático do Grupo Focal no quadro 1 tem como pressuposto básico os resultados que se espera alcançar, a saber, que o grupo reflita, analise e se expresse de forma espontânea. É válido ressaltar que essa técnica “[...] dos grupos focais, de forma isolada ou combinada com outras técnicas de coleta de dados primários, revela-se especialmente útil na pesquisa avaliativa” (LENY, 2009, p.779).

4.1.1 Doxa, um contato prévio com as opiniões.

O primeiro encontro dos procedimentos de análises dentro do grupo focal foi realizado inicialmente com uma socialização dos participantes. Foram feitas as apresentações, definidos os propósitos do encontro, tais como a importância do respeito às opiniões do grupo, bem como o espaço do diálogo e do questionamento no qual todos são aptos a essa liberdade de expressão. No quadro 2, temos os procedimentos discursivos que foram realizados logo no início do grupo focal. São perguntas direcionadas ao ensino de filosofia no intuito de analisar as inferências feitas pelos jovens, bem como saber o grau de conhecimento acerca das referidas perguntas citadas no quadro.

Quadro 2 – Socialização sobre o conhecimento de filosofia.

(continua)

Questionamentos	Respostas aos questionamentos
1.O que você entende por filosofia?	<p>“Estudo da religião, reflexões sobre a vida, antiga e atual”.</p> <p>“Na minha opinião, filosofia é uma matéria escolar que é utilizado para tirar dúvidas no geral sobre o mundo”.</p> <p>“Estudo que procura pela verdade absoluta em torno da humanidade”.</p> <p>“Que as pessoas pararam de acreditar nas explicações dos deuses e começaram a fazer perguntas e questionamentos, criando a filosofia”.</p>

Quadro 2 – Socialização sobre o conhecimento de filosofia.

(conclusão)

Questionamentos	Respostas aos questionamentos
	<p>“O estudo de ideias, formas de pensamento e pontos de vista pessoais sobre algum assunto dentro de nossa sociedade”.</p> <p>“É a reflexão de escolhas feitas e que serão feitas, pois para mim a filosofia se trata de questionamento de ações e fatos”.</p>
2. Na sua opinião, porque estudar filosofia?	<p>“Porque ela entra na lei trabalhista, também faz parte de emprego e profissões”.</p> <p>“Para entender o sentido da vida”.</p> <p>“Agente estuda a filosofia pois é importante além de ter dúvidas também ter curiosidades”.</p> <p>“Ela ajuda no senso crítico, a forma de agir, pensar”.</p> <p>“Para entender a verdade em torno de si mesmo, qual a humanidade e o ponto central”.</p> <p>“Para juntar o conhecimento já descoberto e entender como o ser humano pensa”.</p> <p>“Abre nossa mente para novas ideias e pontos de vista não necessariamente forçando a uma mudança de pensamento”.</p> <p>“Para entendermos o porquê das coisas...”</p>
3. Qual a melhor forma de aprender filosofia?	<p>“Se informando mais com pessoas especialistas e pesquisando, lendo livros filosóficos de algum filósofo”. importantes”.</p> <p>“Pesquisando nos livros”</p> <p>“Tirando tempo da nossa rotina para um pouco de reflexão em grupo, discutindo diferentes ideias”.</p> <p>“Não conversando para saber o que outro pensa, e sim para chegar a uma única resposta”.</p> <p>“Em forma de conversa, pois assim o assunto flui sem pressão e tédio, com participação”.</p>

Fonte: elaborada pelo autor.

A pergunta 1, no quadro 2, visa perceber a noção do aluno em relação ao que seja a filosofia. Como podemos notar em algumas das respostas, a filosofia foi relacionada à religião, à reflexão sobre a vida, ao questionamento, à procura de um conceito sobre as coisas, à atividade do pensamento e ao pensamento crítico.

Nota-se na segunda pergunta, quadro 2, que tem uma relação intrínseca com a primeira, que as principais respostas ao questionamento sobre o porquê de se estudar filosofia foi a de que a mesma possibilita uma condição de abertura ao conhecimento. As relações que foram feitas com o objetivo de estudar filosofia foi a de que a mesma faz parte de uma profissão e que está ligada à questão do trabalho. Disseram ainda que filosofia está ligada à compreensão do sentido da vida, na apreensão do pensamento crítico e na compreensão das coisas.

A pergunta 3, quadro 2, tem uma relação direta com a metodologia e a própria didática do professor de filosofia. Nas respostas foram apresentados como solução a leitura, o diálogo com especialistas da área, a pesquisa, as dinâmicas nas conduções da aula de filosofia, o conhecimento dos filósofos que marcaram a história da filosofia, o diálogo em grupo, aulas que partam de uma conversa e de um problema do próprio cotidiano, etc. Desse modo, as discussões levantadas no grupo em sua grande maioria mostraram que a filosofia é importante na vida deles e que havia um desejo de conhecê-la com maior profundidade.

A proposta de iniciar uma discussão sobre a filosofia, bem como o seu ensino na educação básica tem o propósito de analisar o conhecimento prévio dos alunos, bem como possibilitar uma percepção dos mesmos quanto ao processo de ensinar e aprender. “O roteiro de questões que irá nortear a discussão nos grupos deve conter poucos itens, permitindo certa flexibilidade na condução do grupo focal, com registro de temas não previstos, mas relevantes” (LENY, 2009, p. 788). Portanto, as perguntas descritas no Quadro 1, apesar da sua imprevisibilidade, fomentam o debate, uma vez que trata do cerne da questão no qual essa metodologia está incluída, o ensino da filosofia no ensino médio.

No segundo encontro, deu-se início às atividades com o sorteio de um tema surpresa a ser usado nesse processo metodológico de aprendizagem, estando inserido no contexto das seguintes temáticas: Cidadania e Democracia, Epistemologia, Estética, Ética, Felicidade. A partir dessas temáticas, foram utilizados para sorteio textos filosóficos, conforme tabela 2, fundamentados na sugestão que o

professor Juarez Sofiste aponta como sendo importantes para a leitura neste perfil de alunos da educação básica (SOFISTE, 2007, p. 147-151).

Tabela 2 - Temas utilizados em sorteio no Grupo Focal

1	Discurso sobre o amor, da obra <i>O Banquete</i> de Platão;
2	A felicidade, do livro a <i>Ética a Nicômaco</i> de Aristóteles;
3	A Igualdade e seus limites, <i>A Política</i> de Aristóteles;
4	O eu pensando, <i>O Discurso do Método</i> de René Descartes. IV parte;
5	<i>O que é o esclarecimento</i> de Emanuel Kant;
6	<i>O homem e a liberdade</i> de Jean-Paul Sartre;
7	<i>Carta sobre a felicidade</i> de Epicuro.

Fonte: tabela elaborada pelo autor.

Os temas explicitados na tabela 2 foram organizados para sorteio, tendo como resultado o tema 7, a *Carta sobre a felicidade* de Epicuro. Após o sorteio, foram feitos alguns questionamentos acerca da temática sorteada, conforme é sequenciado a seguir. Para isso, iniciaremos nossa exposição com a primeira pergunta acerca do que é a felicidade, que segue no quadro 3.

Quadro 3 - Doxa: pergunta 1.

(Continua)

Perguntas	Respostas
O que você sabe sobre o tema sorteado?	<p>“é você poder ser quem você é”.</p> <p>“A felicidade varia de pessoa para pessoa, como por exemplo, algo que pode trazer felicidade para algum não é necessário para outro”.</p> <p>“Felicidade é ter a família ao meu lado, é ter Deus no meu coração e está ao lado dos meus amigos”.</p> <p>“Que ela vem quando nos aproximamos de amizades verdadeiras e quando temos um bom convívio com nossa família”.</p>

Quadro 3 - Doxa: pergunta 1.

(Conclusão)

Perguntas	Respostas
	<p>“Para mim, felicidade é estar com pessoas que eu gosto fazendo momentos inesquecíveis”</p> <p>“Comida, dormir, sair com os amigos, ficar com a família, ter a companhia de Deus”.</p> <p>“Sobre a felicidade que sempre tem que estar em nosso convívio”.</p> <p>“A felicidade é estar perto das pessoas que ama e vê-las bem e com saúde”.</p> <p>“Felicidade é estar em paz consigo mesmo”</p> <p>“Felicidade é poder compartilhar momentos importantes com familiares e amigos”.</p>

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

O propósito das perguntas do quadro 3 aqui exposto teve como objetivo verificar as ideias preconcebidas acerca do tema. Foram apresentados questionamentos no grupo acerca do que os integrantes sabiam sobre a felicidade e foram estabelecidas diversas relações com a forma com que cada um trazia consigo tais informações. Portanto, nas respostas podemos notar a associação de felicidade à identidade, à família, às amizades, aos prazeres como alimentação e à empatia, estar bem por ver os outros felizes, etc. Desse modo, além das respostas escritas, os membros dialogavam entre si acerca dessa problemática.

Seguindo as indagações, tínhamos como objetivo saber os pressupostos e fundamentos que os levaram a opinarem sobre o assunto.

Quadro 4 - Doxa: pergunta 2.

(continua)

Perguntas	Respostas
O que levou você a afirmar essa ideia sobre o tema?	<p>“A sensação de tranquilidade e paz ao estar vivenciando tais momentos”.</p> <p>“Algumas pessoas se sentem feliz por ter alguma coisa necessária para ser</p>

Quadro 4 - Doxa: pergunta 2.

(conclusão)

Perguntas	Respostas
	<p>feliz”</p> <p>“Os melhores momentos que eu me recordo são do lado de pessoas que eu gosto, isso me faz feliz”.</p> <p>“Porque são as coisas que mais gosto de fazer”.</p>

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

As justificativas às afirmações do quadro 4 foi a de que a felicidade traz uma sensação de paz e tranquilidade, as condições favoráveis ao sentir-se bem, ao fato de felicidade ter uma ligação com a possibilidade de estar próximo das pessoas amadas. Enfim, felicidade ligada à questão prática do indivíduo. Desse modo, continuamos a questionar sobre a leitura do tema em questão. As respostas foram bastante objetivas.

Quadro 5 - Doxa: pergunta 3

Perguntas	Respostas
<p>Você já leu algo a respeito dessa temática?</p>	<p>“Não, mais tenho muita curiosidade de saber”.</p> <p>“Sim, pois as pessoas sempre procuram pela felicidade, então fazem filmes e livros sobre”.</p> <p>“sim, uns livros e letras de músicas por exemplo”.</p> <p>“em alguns filmes, mas principalmente do “filme a procura da felicidade”.</p> <p>“Não”.</p> <p>“já sim, que a felicidade é fazer o que você ama, como cantar, dançar, etc”.</p> <p>“Sim”.</p>

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

A maioria dos alunos, disseram já ter lido sobre o tema ou assistido a

séries e a filmes que tratam da questão. No entanto, alguns do grupo disseram não conhecer o tema, mas que havia bastante curiosidade em conhece-lo de forma mais sistemática.

No quadro 6 a seguir aparece uma questão que tem como objetivo possibilitar uma reflexão sobre os fatos que justificam a opinião sobre o tema, no caso, a felicidade. A ideia central é saber se a inferência sobre o tema é resultado de meras opiniões adquiridas de outrem, ou resultado de uma leitura.

Quadro 6 - Doxa: pergunta 4

Perguntas	Respostas
Ouvir alguém falar sobre o tema em questão?	<p>“Sim, todas as pessoas falam, pois, a felicidade contagia”.</p> <p>“Sim, em redes sociais com os amigos”.</p> <p>“Sim, eu mesma falo muito sobre ela...”</p> <p>“não de forma específica, mas através de momentos bons que ocorreram”.</p> <p>“Sim, professores e pessoas mais velhos”.</p> <p>“sim já assisti, um filme que aborda esse tema”.</p> <p>“sim, na escola e em televisão”.</p>

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

As respostas suscitadas no quadro acima mostram que a maioria dos membros já tinha ouvido falar sobre o tema. As opiniões mostram que a felicidade é algo popular, que todos falam, que é contagiante. Apresentaram ainda que o tema em questão é bastante evidenciado nas redes sociais, através de professores na escola, em filmes e programas de televisão. Evidenciam assim, que o tema é algo bastante popular, apesar de não saberem de forma profunda o seu significado.

Quadro 7 - Doxa: pergunta 5

Perguntas	Respostas
<p>Agora responda com bastante atenção: você acha suficiente o conhecimento que você tem sobre essa temática?</p>	<p>“Não, pois não conheço ou tenho muito aprendizado sobre isso”.</p> <p>“sim, pois mesmo com pouco pode ser o suficiente”.</p> <p>“Não, pois agora o meu conceito sobre a felicidade pode ser diferente daqui a algum tempo”.</p> <p>“Eu acho que conhecimento é algo que não deve ser dito como algo que tem um máximo ou chega a ser suficiente”.</p> <p>“não, pois sempre podemos conhecer mais, buscar mais conhecimento”.</p> <p>“Não, pois tem várias hipóteses sobre a felicidade”.</p> <p>“Não, precisa aprender mais e mais”.</p> <p>“Não. Pretendo aprender mais”.</p>

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

A maioria das respostas do quadro 7 disseram não ser suficiente o conhecimento adquirido, pois trata-se de um espaço aberto que nunca será satisfatório, carecendo de constantes buscas. Fazem referência ainda ao conhecimento como um processo dialético, uma ideia que muitas vezes é desconstruída e por vezes reconstruída.

Quadro 8 - Doxa: pergunta 6

(Continua)

Perguntas	Respostas
<p>Você acha importante saber sobre esse tema?</p>	<p>“Sim. Pois podemos entender mais nós mesmos”.</p> <p>“Sim. Entender um sentimento é até bem importante para sabermos como e quando usá-la”.</p>

Quadro 8 - Doxa: pergunta 6

(conclusão)

Perguntas	Respostas
	<p>“Sim pois todo mundo deveria conhecer esse sentimento, pois seu sei que existem pessoas muito infelizes”.</p> <p>“Sim. Para entender o que sentimos”.</p> <p>“Sim, pois é uma coisa que convivemos praticamente todos os dias”.</p>

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

As respostas suscitadas através da pergunta acima trouxeram de forma unânime a importância que os membros deram ao conhecimento sobre a temática trabalhada. Relacionaram de imediato o tema com a própria vida, pois como podemos observar há uma relação direta da felicidade com a sensação de bem-estar e realização. Ficou também evidenciada a necessidade de conhecer o tema para poder compreender a si próprio.

Quadro 9 - Doxa: pergunta 7

(continua)

Perguntas	Respostas
<p>De que forma o conhecimento através do tema escolhido poderia contribuir na sua vida? Caso não contribua, também, argumente.</p>	<p>“Para ser uma pessoa melhor, uma pessoa mais alegre, com mais conhecimento no assunto”.</p> <p>“Para ajudar a aprofundar nossos sentimentos”.</p> <p>“acho que poderia sim, pois é sempre bom enxergar por outras perspectivas”.</p> <p>“Saber o que realmente é a felicidade em minha vida ajuda a escolher meus objetivos e metas, priorizando o que realmente me traz felicidade”.</p>

Quadro 9 - Doxa: pergunta 7

(conclusão)

Perguntas	Respostas
	<p>“Pode me deixar conscientizada, sobre o que estou passando e sentindo ajudando a melhorar minha convivência”.</p> <p>“Com atitudes que transmitam alegria”.</p> <p>“Contribuir bastante, porque ultimamente eu sinto tristeza e sentir a felicidade é liberdade”.</p> <p>“Melhora minha vida”.</p>

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

A proposta do quadro 9 consiste em saber a relação que os jovens fazem do tema em questão com as suas vidas. Nas reflexões surgiram diversas opiniões de que o conhecimento traria uma visão mais clara, com mais perspectivas, que melhoraria a convivência e fomentaria sentimentos de alegria.

As perguntas e respostas expostas nos quadros acima evidenciaram a primeira etapa de contato prévio com as opiniões da temática escolhida. Nesse período de socialização, de questionamentos e de exposições das opiniões dos alunos, foi possível perceber um conhecimento e uma conceituação em potencial. Por mais que as opiniões sejam apresentadas de forma simples e até dogmática, elas possibilitaram um diálogo entre os participantes do grupo, ao mesmo tempo que se fomentava o desejo de construir um conhecimento mais sistemático sobre o assunto abordado.

4.1.2 Episteme, formação conceitual por meio da dialética.

Os próximos questionamentos serão utilizados após uma leitura do tema 7, a saber, a *Carta sobre a felicidade* de Epicuro. Ao final do encontro em que se trabalhara as opiniões acerca do tema, os jovens receberam uma cópia do texto de Epicuro, conforme escolhido no início das atividades do Grupo Focal. Foram

orientados a fazerem a leitura do mesmo, tendo o prazo de uma semana, pois no encontro seguinte seriam trabalhadas questões fundamentadas na leitura e interpretação do texto.

Quadro 10 - Episteme: pergunta 1.

Perguntas	Respostas
O que você compreendeu sobre o tema após a leitura do texto?	<p>“Para o autor há influências na felicidade dos mais diferentes tipos, como os deuses e a morte, coisa que eu não tinha pensado”.</p> <p>“O texto nos apresenta uma carta que fala coisas bem interessantes. O que eu entendi é que a felicidade é feita de vários conceitos”.</p> <p>“Que existe várias maneiras de alcanças a felicidade”.</p> <p>“Que existe várias maneiras de compreender a felicidade, de vários modos”.</p> <p>“Que a felicidade é relativa, entre momentos e tempos da história”.</p>

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

O objetivo do questionamento no quadro 10 é suscitar ideias a partir da leitura e o contato com a conceituação através de um texto filosófico. Aqui foi possível perceber que, embora não tendo uma conceituação clara que ateste ou contradiga a opinião do autor, foi possível notar que existem diversos conceitos sobre a felicidade, que há influências externas no que concerne ao indivíduo estar feliz ou não. Durante a apresentação, os alunos debatiam sobre suas respostas, à medida que eram questionados, pois como é evidente, o método desenvolvido no grupo focal tem como referência fundamental o método socrático explicitado nos capítulos anteriores.

Quadro 11- Episteme: pergunta 2.

Perguntas	Respostas
O texto possibilitou novas informações sobre as ideias que você tinha sobre o tema antes de fazer a leitura do texto?	<p>“Sim, pois nos textos escolhidos houve uma abrangência melhor do conteúdo abordado”.</p> <p>“Sim, principalmente na parte dos deuses”.</p> <p>“Sim, antes eu achava que o texto era só mais um texto falando sobre felicidade, depois que li mudei de fato minhas opiniões”.</p> <p>“Sim, pois sempre podemos aprender mais”.</p>

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

Percebe-se que houve uma abstração conceitual após a leitura do texto. É interessante notar que houve relações da leitura com a expansão do conhecimento, que houve mudanças de opiniões e que teve fatos que chamaram a atenção dos participantes ao fazer a leitura.

Quadro 12 - Episteme: pergunta 3.

Perguntas	Respostas
Qual o conceito sobre... (tema escolhido), segundo o texto?	<p>“Por meio da sabedoria podemos ter felicidade, como por exemplo meditação e simplicidade”.</p> <p>“Que ninguém hesite em se dedicar a filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazer depois de velho, pois ninguém é demasiado jovem ou velho, para alcançar a saúde de espírito”.</p>

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

O principal objetivo do exposto no quadro 12 foi verificar a habilidade de apreensão de um conceito ou ideia central após a leitura. Como podemos notar,

houve abstrações no que diz respeito ao que eles consideravam como conceito ou ideia central. Relataram que a leitura e os questionamentos realizados no decorrer do grupo focal possibilitaram maior clareza em relação a temática. Os conceitos do texto serviram de referência para uma linha de pensamento na perspectiva do autor estudado, ao mesmo tempo que trouxeram elementos novos que contribuíram para as discussões em grupo.

Quadro 13 - Episteme: pergunta 4.

Perguntas	Respostas
<p>O conhecimento que você adquiriu com a leitura do texto foi importante para a sua vida? Porque?</p>	<p>“Sim, pois me fez entender o que sentia ou poderia sentir de modo mais claro”.</p> <p>“sim, pois agora eu vou buscar a felicidade em outras formas”.</p> <p>“sim, pois ter uma mente aberta nos possibilita aprender novas coisas [...]”.</p> <p>“eu consideraria um complemento do que eu entendo do assunto, pois alguns pontos eu concordo e outros não”.</p> <p>“Sim, pois acabei sabendo mais sobre o assunto”.</p>

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

Possibilitar a reflexão acerca da importância da leitura e da busca pelo conhecimento, pois trata-se de saber se o conhecimento adquirido com a leitura de um texto acrescenta e agrega valor no repertório cultural de cada um. As respostas apresentam que o conhecimento adquirido possibilitou perceber o tema com maior clareza, conscientizou de que ter uma mente aberta é importante na relação de busca pelo conhecimento.

Quadro 14 - Episteme: pergunta 5.

Perguntas	Respostas
<p>Você sentiu que saiu de uma opinião para um conceito através desse método de aprendizagem? Explique.</p>	<p>“Sim, como por exemplo o conhecimento de que a felicidade é relativa”.</p> <p>“Sim, pois por fim eu pude transformar minhas e opiniões em conceito”.</p> <p>“Sim, pois o conhecimento se abriu.</p> <p>“Sim, pois as informações dadas eu não decorei, mas sim entendi e aprendi”.</p>

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

O objetivo do questionamento consiste em avaliar no aluno a capacidade de percepção de uma ideia com fundamentos inconsistentes e uma conceituação a partir de um embasamento teórico. Pelas respostas dos interlocutores podemos perceber que a leitura do texto acarretou uma nova possibilidade de perceber e compreender acerca das relações conceituais na temática abordada. Percebemos também que houve uma apreensão do conteúdo pelo que foi relatado.

A etapa do grupo focal cognominada de episteme teve como principal objetivo, dar sequência à etapa que denominamos de *doxa*. Na *doxa*, tínhamos como propósito, à luz de questionamentos e refutações, saber e fazer perceber as ideias que os jovens traziam consigo acerca do tema submetido a sorteio. Contudo, na etapa posterior chamada aqui de *episteme*, tivemos uma nova visão, agora com o acréscimo do texto que possibilitou as condições ideais para formação de uma conceituação, tendo como referência o texto e autor abordado.

A última etapa do grupo focal foi a aplicação de um questionário, conforme a Tabela 3 demonstrada abaixo, que contou com questões relacionadas à aplicação do método de conhecimento aqui exposto, que tem como referência a maiêutica socrática, bem como a relação da aprendizagem de filosofia com o contexto do ensino básico.

Tabela 3 - Questionário aplicado na última etapa do grupo focal

Questionário final	Respostas			
	Sim		Não	
	N	%	N	%
Na sua trajetória estudantil antes de chegar ao ensino médio, você sabia o que era filosofia?	5	62%	3	38%
E difícil compreender o que é filosofia	0	0%	8	100%
Você considera o conhecimento importante?	8	100%	0	0%
Quando o professor faz uma pergunta, você pensa nas possíveis repostas?	8	100%	0	0%
É difícil responder uma pergunta quando não se tem conhecimento sobre o assunto?	5	62%	3	38%
A pergunta possibilita vislumbrar novas perspectivas e problemas a serem resolvidos?	8	100%	0	0%
Na sua trajetória estudantil você já se deparou com uma metodologia desse tipo, de leva-lo ao conceito partindo de perguntas que o fazem perceber a necessidade de sair meras opiniões para o conceito?	3	38%	5	62%
Você percebeu contribuições significativas com a metodologia aplicada?	8	100%	0	0%

Fonte: tabela elaborada pelo autor

Ao serem questionados sobre o conhecimento de filosofia antes de chegar ao ensino médio, 62% dos membros do grupo focal responderam que sim e 38% responderam que não. Portanto, nos diálogos realizados no grupo, os que afirmaram ter um conhecimento prévio de filosofia, disseram se tratar de um conhecimento superficial. No entanto seguindo o questionário, no qual é perguntado a dificuldade da aprendizagem de filosofia, responderam com unanimidade que não e que todos consideravam o conhecimento importante para a vida. Outrossim, é curioso perceber que ao serem perguntados sobre o poder que a pergunta tem de possibilitar a curiosidade, 100% responderam que sim, que ao serem interrogados pensam nas possíveis repostas. No entanto, ao serem indagados sobre a

dificuldade de responder algo quando não se tem conhecimento de causa, 68% disseram haver dificuldades em responder sem conhecimento prévio e 38% disseram que não havia dificuldade em dar as respostas.

Quando a pergunta é sobre a metodologia aqui aplicada, no qual gostaríamos de saber se durante a trajetória estudantil haviam se deparado com uma forma de aprender, que partia da opinião para o conceito, 38% responderam que sim e 62% responderam que não. Outrossim, 100% disseram ter aprendido com a metodologia aqui aplicada e que suas contribuições foram bastante significativas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Discutiremos no decorrer deste capítulo, a relação do método socrático com o ensino filosófico no contexto atual da educação básica. Desse modo, dividimos o capítulo em dois tópicos. No primeiro, faremos uma discussão sobre a importância da maiêutica e seu impacto na aprendizagem e, no segundo, analisaremos o método aplicado no grupo focal. Assim, no segundo tópico deste capítulo, faremos um paralelo entre a metodologia aplicada no grupo focal com os parâmetros curriculares nacionais (PCNS), de modo específico no que trata acerca do ensino de filosofia.

5.1 Os impactos no ensino e na aprendizagem da filosofia tendo como pressuposto a maiêutica socrática.

O presente estudo, procurou trazer para o contexto atual do ensino médio as reflexões acerca do método socrático. O ponto de referência para pensarmos no método de aprendizagem dos alunos na disciplina de filosofia foi a maiêutica, que tem o sentido de dar à luz o conhecimento. Desse modo, a metodologia socrática contribui de forma significativa, pois possibilita o pensar autônomo, onde coloca o aluno como sujeito responsável pelo seu saber. Ao invés de o ensino chegar de forma pronta, preparado segundo parâmetros de outrem, ele se constrói nas relações dialéticas, seja pela indagação, refutação ou incansável busca conceitual. O importante é que o objetivo de todo o empreendimento filosófico que permeia os atores envolvidos como professores e alunos seja direcionado ao momento crucial, a maiêutica, a saber, o dar à luz o conhecimento.

O ato de conhecer, como pudemos notar no capítulo anterior, é construído em momentos simples, diálogos que podem surgir de problemas específicos, como por exemplo, o que é a felicidade. Problemas que aparentemente são de fáceis soluções, por serem muitas vezes do próprio cotidiano do aluno, mas que se tornam complexos à medida que se colocam no crivo da razão. No entanto, o fato de serem complexos não representa fator de desestímulo, mas como oportunidades para a fruição de novos problemas e possíveis soluções. Percebemos assim, que a atitude dialética da filosofia é infundável, mas que nesse caminho se possibilita a geração do saber, que na maioria das vezes começa na simples curiosidade, o que intensifica a

importância da filosofia socrática para os nossos dias.

A professora Lídia Maria apresenta um fator importantíssimo que precisamos levar em consideração em relação à aprendizagem: a de que um dos fatores para o desinteresse em filosofia é a “falta de compreensão dos conteúdos ou do fato de que, muitas vezes, o estudante não consegue encontrar significação nesses conhecimentos” (RODRIGO, 2009, p.37). O fato de não encontrar uma razão, um motivo, um valor pelo qual faça conexão da sua vida com a filosofia, leva o aluno muitas vezes a não encontrar interesse na especificidade da filosofia, em especial, o aluno do ensino médio. No entanto, o que se percebe de relevante no método socrático na atualidade é a condição de deslocar o estudante da situação de conformismo e certezas pautadas em crenças, que na maioria são oriundas do próprio cotidiano, para uma condição de investigação. É válido ressaltar que a curiosidade quando despertada representa um fator importante para trilhar o caminho do conhecimento e é, sem dúvida, uma das condições necessárias para o fazer filosófico.

O professor de filosofia, quando assume a postura de um maiêutico, ou seja, aquele que torna a filosofia intrínseca a sua didática, coloca o aluno na condição dialética da aprendizagem filosófica e não como um mero receptor de conceitos. Desse modo, o ensino filosófico se torna bastante eficaz quando parte do pressuposto de que o aluno abstrai os conceitos quando melhor compreende o seu significado e a importância dessa aprendizagem para sua vida. Sendo assim, a compreensão das complexas relações do cotidiano do aluno com o conhecimento é um quesito importante que o professor de filosofia precisa levar em consideração para que os temas tratados possam ser sensibilizados a ponto de despertar no aluno o interesse e a busca pelo conhecimento.

No percurso metodológico dessa pesquisa, conforme o capítulo anterior, percebemos um teor de curiosidade dos alunos a partir das indagações realizadas nos procedimentos do Grupo Focal. Ao serem questionados sobre o conhecimento prévio sobre o que seria a felicidade e após manifestarem as opiniões que traziam consigo, percebemos claramente que havia a necessidade da ampliação do conhecimento em questão. O fato é que ao serem questionados, os alunos iam aos poucos percebendo a dificuldade em formular um conceito com base nas meras crenças e opiniões. Sendo assim, podemos concluir que o método socrático, quando inserido no ensino de filosofia, em especial no ensino médio, possibilita um ponto de

partida. Geralmente o aluno se encontra na condição de ter opiniões formuladas a partir de crenças e experiências cotidianas. No entanto, a tarefa crucial é fazer com que o próprio aluno se perceba nessa condição de inconsistências conceituais e que compreenda que conceituar consiste em uma condição necessária ao conhecimento. Através dessa noção prévia é possível conduzir com mais eficiência o aluno nesse processo de dar significado ao caminho que será percorrido até chegar ao conhecimento filosófico.

Essa significação subjetiva ganha corpo quando o sujeito consegue relacionar um novo conhecimento com aqueles que já fazem parte de sua estrutura cognitiva, ou seja, quando o ato de conhecimento tem condições de configurar-se, em alguma medida, como de reconhecimento. O que o aluno já sabe acaba funcionando como espécie de ponto de ancoragem para novas aquisições cognitivas (RODRIGO, 2009, p.38).

O ponto de ancoragem de que a Professora Lídia Maria Rodrigo se refere apresenta muita relevância para esse projeto, uma vez que a ideia fundamental é partir do conhecimento prévio que o aluno traz consigo em direção à abstração por meio dos textos filosóficos. É importante ressaltar que movimento dialético inerente na forma de refletir, analisar, perguntar, refutar, são características importantes no processo de construção do saber filosófico, que tem seu apogeu na maiêutica, no amor pelo saber.

Ao pensarmos acerca do pensamento filosófico que se constrói em sala de aula, não podemos esquecer da estrutura que circunda esses espaços. “Ela deverá ser um ambiente que possibilite a investigação, o diálogo, a construção coletiva dos saberes” (SOFISTE, 2007, p. 100). No entanto, temos o desafio de tornar esses espaços propícios ao saber, principalmente quando direcionamos o fazer pedagógico do ensino de filosofia à luz do método socrático. Essas condições de possibilidade de um cenário investigativo na escola antecedem o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para relacionar os textos filosóficos com a prática investigativa que é possível pela curiosidade.

Percebemos que o método socrático possui uma relação imprescindível com a autonomia. Trata-se de uma liberdade de pensar e refletir como condição necessária para o saber. Kohan explicita essa questão de forma categórica ao afirmar que:

O ensino de filosofia – ou de maneira mais ampla, uma educação filosófica – exige autonomia por todas as partes: autonomia da própria filosófica

diante de outros saberes e poderes; autonomia do professor ante os marcos institucionais que o regulam; autonomia de quem aprende ante a quem ensina e os outros aprendizes. As exigências de autonomia são diversas, múltiplas (KOHAN, 2009, p.70-71).

A autonomia de pensamento citada assume um caráter de liberdade do aluno frente à construção do saber. No entanto, há uma necessidade imprescindível do professor que se depara com um ensino que na maioria das vezes já vem sistematizado através do livro didático. É importante “[...]que o professor não o converta no único instrumento de contato do aluno com a filosofia ou uma espécie de substituto do texto filosófico” (RODRIGO, 2009, p.93). O fato não deixa de ser uma tarefa desafiadora, pois necessita de uma postura de autonomia do professor perante a construção metodológica. Devemos viabilizar as condições do pensamento crítico, bem como o contato com a leitura de textos filosóficos, ou seja, uma aproximação direta com os conceitos originais dos filósofos. É importante ressaltar que a escolha dos textos para leitura deve respeitar a etapa em que o jovem está inserido, pois como ele não possui, em sua grande maioria, o hábito da leitura, carece de uma linguagem acessível no qual fomenta a curiosidade, que é resultado da compreensão textual.

Do ponto de vista didático, trata-se, então, de criar condições para que o aluno desenvolva sua capacidade de argumentação com base em atividades e exercícios voltados para esse objetivo. Um dos instrumentos mais adequados para esse trabalho é o estudo do texto filosófico, ou de alguns recortes, que possam ser tomados como unidades de leitura, visto ser ele um texto essencialmente argumentativo [...] (IDEM, p.65).

O interessante é que ao se deparar com o texto filosófico estamos proporcionando as condições de reflexão, de compreensão, de refutação e até de comparação com outros conceitos. Ao possibilitar as condições para o exercício da dialética, estamos proporcionando ainda aos estudantes as condições necessárias para a maiêutica, pois o diálogo com os filósofos e a problematização da própria realidade são condições importantes na filosofia socrática.

Diálogo e investigação são os princípios pedagógicos e metodológicos usados por Sócrates para fazer filosofia. Pelo que podemos observar, em momento nenhum Sócrates está dando aula, portanto, se pretendemos seguir a pegada do mestre, precisamos, em princípio, exorcizarmos a ideia de aula. Socraticamente falando, é um termo impróprio para o que se deve acontecer em um encontro para se fazer, viver, aprender filosofia (SOFISTE, 2007, p.87).

Conforme citado, o problema da utilização do termo “aula” remete a uma

postura passiva dos alunos diante da exposição conteudística do professor. É evidente que a organização curricular nas escolas de educação básica remete ao termo aula de filosofia, mas que por ter uma especificidade essencialmente dialética, sobretudo ao colocar no plano do educar ao modo socrático, a filosofia precisa ser encarada pelo professor e aluno como um verdadeiro exercício do filosofar. Portanto, a expressão “assistir aula de filosofia”, comumente usada pelos alunos ao irem para as aulas, poderia ser substituída pelo “vou filosofar”, pois, por mais que aparentemente não seja de relevância, tira o aluno da condição de espectador para personagem principal do processo. Sendo assim, a relação de aprendizagem do professor e dos alunos de filosofia, congregam-se em uma atitude dialética; ambos protagonizam a busca pelo conhecimento, geralmente partindo do não saber. “Não existe, portanto, dicotomia entre ensinar e aprender e o fazer filosofia, ensinar fazendo, e fazer ensinando, é a novidade da pedagogia socrática” (IDEM, p.45).

5.2 O ensino da filosofia sob o viés socrático: resultados das análises e métodos utilizados no grupo focal.

Repensar o ensino da filosofia hoje, fundamentalmente na educação básica, nos traz uma complexidade de questões. No entanto, o que nos interessa aqui é procurar estabelecer um paralelo entre a contribuição socrática para o ensino filosófico na educação básica, com os próprios parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio (PCNEM). Por isso, partiremos dos próprios resultados do grupo focal descrito nos procedimentos metodológicos desta pesquisa, procurando identificar as contribuições para o ensino da filosofia no ensino médio.

O deslocamento de 8 alunos conforme relatado no capítulo precedente para fazermos um grupo focal nos possibilitou a identificação de um fato interessante, a saber, a importância dos grupos para o estudo filosófico. Percebeu-se, logo de início, uma maior interação com o tema, comparado à dispersão comumente apresentada em sala. O diálogo com um grupo de alunos reduzido mostrou-se favorável para o trabalho com questionamentos e debates. Outrossim, um fato relevante nesse processo é que a metodologia do grupo focal proporcionou uma posição dialógica, característica imprescindível no ensino filosófico sob o viés socrático.

Essa é uma questão que pode interessar profundamente a um professor de filosofia, sem importar seu tempo e seu lugar: a filosofia, ao menos *à la Sócrates*, não pode não ser educativa; viver uma vida filosófica exige haver-se com o pensamento dos outros e intervir sobre ele. Não há como viver filosofia de Sócrates sem que, de certa forma, outros a vivam [...] (KOHAN, 2009, p. 30-31).

Kohan nos apresenta um fator importante: a filosofia socrática nos coloca em uma relação direta com o pensamento de outras pessoas. O fato é que a filosofia ao modo socrático é um processo que afeta o outro, pois fazer filosofia não se trata de um ato isolado, mas de sentir, de questionar, de procurar saber o que o outro pensa para se poder fazer inferências. O fazer filosófico se relaciona com a própria cidadania que se constrói nas relações éticas, pois trata-se de indivíduos que fazem parte de um meio sociocultural.

Do ponto de vista ético, a cidadania deve ser entendida como consciência e atitude de respeito universal e liberdade na tomada de posição. De uma parte, a possibilidade de agir com simetria, a capacidade de reconhecer o outro em sua identidade própria e a admissão da solidariedade como forma privilegiada da convivência humana; de outra parte, a liberdade de tematizar e, eventualmente, criticar normas, além de agir com (e exigir) reciprocidade com relação àquelas que foram acordadas e o poder, livremente, decidir sobre o que fazer da própria vida, possibilitam desenhar os contornos de uma cidadania exercida em bases orientadas por princípios universais igualitários. (PCNEM, p.49)

O próprio documento, como podemos notar na citação acima, reafirma o caráter peculiar da filosofia, ou seja, o de possibilitar uma condição do exercício da cidadania. Em Sócrates, podemos notar esse caráter, quando o mesmo passava a discutir temas pertinentes à própria sociedade da época. Podemos refletir acerca da dimensão ética que se constrói no diálogo e na busca pelo conhecimento, uma vez que o diálogo sempre nos coloca em uma posição de abertura para outras formas de pensar. Nos encontros do grupo focal, percebemos claramente através do relato dos próprios alunos a conexão feita com a fala do outro, seja refutando ou concordando. Isso nos permite apontar como fator importante na educação básica os espaços dialógicos, que não devem estar restritos ao momento da aula de filosofia, mas devem se fazer presentes na dinamicidade do próprio cotidiano da escola, seja na formação de grupos de debates e pesquisa ou mesmo em rodas de conversas.

A Filosofia cumpre, afinal, um papel formador, uma vez que articula noções de modo bem mais duradouro que outros saberes, mais suscetíveis de serem afetados pela volatilidade das informações. Por conseguinte, ela não

pode ser um conjunto sem sentido de opiniões, um sem-número de sistemas desconexos a serem guardados na cabeça do aluno que acabe por desencorajá-lo de ter ideias próprias. Os conhecimentos de Filosofia devem ser para ele vivos e adquiridos como apoio para a vida, pois do contrário dificilmente teriam sentido para um jovem nessa fase de formação. (PCNS, 2006, p.28)

O fato de procurar dar sentido ao que se estuda, ao que se questiona, ao que se coloca sob debate é marcante no método socrático. No grupo Focal, onde procuramos a partir da maiêutica socrática construir um método de aprendizagem passando desde as opiniões simplórias a um conceito ou uma tentativa de problematizar e conceituar, percebemos uma mudança de perspectiva do que comumente se vê em sala de aula. O interesse dos alunos pelos temas, relacionando-os à sua própria vida, transformou-se em uma experiência interessante. Por mais que durante os encontros do grupo focal não tenhamos atingido um nível de conceituação sistemática, chegamos ao resultado possível, a de no cenário atual, fazer filosofia no ensino médio. Percebemos que o ensino filosófico promove condições favoráveis para o pensamento crítico, reflexivo e autônomo, pois os estudantes que se dispuseram a estudar filosofia a partir do viés socrático mostraram-se aptos às condições de ensino e aprendizagem, que na situação em questão passou pelas constantes perguntas e refutações na construção de um diálogo filosófico objetivando o conhecimento.

É importante notar que, na concepção socrática, essa melhor compreensão só pode ser resultado de um processo de reflexão do próprio indivíduo, que descobrirá, a partir de sua experiência, o sentido daquilo que busca. Isso se dá através de sucessivos graus de abstração e do exame do que essa própria experiência envolve, explicitando o que no fundo já está contido nela. Trata-se de um exercício intelectual em que a razão humana deve descobrir por si própria aquilo que busca. (MARCONDES, 2010, p.47)

Os procedimentos didáticos utilizados no grupo focal não constituem o único elemento de execução do exercício filosófico socrático. Há diversas maneiras de pensar a filosofia socrática hoje, principalmente quando partimos do pressuposto das possibilidades ainda não vivenciadas na escola, uma vez que pensar socraticamente é estar aberto a novas perspectivas. O fato é que o método aqui utilizado, a saber, o de partir de um problema simples e torná-lo complexo à medida em que passa pelo crivo da razão, permitiu que os jovens envolvidos no processo percebessem o caminho necessário e desafiador para se chegar ao conhecimento. Notaram ainda que o mais importante não são os resultados que se espera alcançar ao tentar resolver um problema filosófico, mas o fato de estarem no processo já os

coloca na condição de sujeito que percebeu as aventuras e desventuras de fazer filosofia.

O profissional bem formado em licenciatura não reproduzirá em sala a técnica de leitura que o formou, transformando o ensino médio em uma versão apressada da sua graduação. Ao contrário, tendo sido bem preparado na leitura dos textos filosóficos, poderá, por exemplo, associar adequadamente temas a textos, cumprindo satisfatoriamente a difícil tarefa de despertar o interesse do aluno para a reflexão filosófica e de articular conceitualmente os diversos aspectos culturais que então se apresentam. (PCNEM, 2006, p. 33)

Desse modo, é importante dar significado à ação educativa filosófica no contexto do ensino básico. A Orientação Curricular para o Ensino Médio deixa essa questão bastante clara em relação ao despertar do interesse por temas filosóficos. A experiência individual começa a ter sentido quando ela é pensada, refletida e dialogada. Um diálogo que pode ocorrer consigo mesmo, na medida em que o aluno se permite ver o mundo por múltiplas perspectivas, não estando preso a uma única forma de pensar. O método filosófico da maiêutica traz essa característica marcante. O aluno sai de um patamar de certezas para uma condição de aprendizagem, que ganha sentido quando se questiona, quando há um sentimento de busca e de procura por meios que qualifiquem suas percepções de mundo. O fato ficou bastante perceptível no próprio grupo focal, quando os alunos associavam a felicidade, tema que estava sendo abordado, com a sua própria existência. Nota-se assim, um teor de clareza mental ao compreender a temática com os modelos do seu próprio cotidiano.

Observamos ainda nos momentos de diálogos, nos quais se levantavam questionamentos, que as conversas se direcionavam a um objetivo coletivo, no intuito de chegar a um ponto de vista em comum, ou seja a uma verdade. Essa busca pelo conceito, pela verdade, podemos considerar como o ponto de partida para o conhecimento, que ficou notoriamente perceptível no teor de curiosidade fomentado pelas perguntas.

O método socrático é a dialética, o diálogo filosófico que, estruturado no movimento de perguntas e respostas, busca a essência, a universalidade do fenômeno que se encontra em questão. Na dialética, a célebre hierarquia entre professor e aluno é substituída pela relação de suas consciências que buscam a essência do fenômeno discutido através da dialogicidade. A dialética socrática possui dois momentos bem definidos: a ironia e a maiêutica. (SOUZA, 2010, p.28)

A questão do interesse e a associação da própria filosofia com a vida deles ficou clara, quando os mesmos comentavam entre si o quanto o método da pergunta e da busca por uma conceituação tinha ajudado a compreender a atividade filosófica. Percebemos que a atividade desenvolvida no grupo focal ganhou sentido na medida em que os jovens perceberam as conexões do ato de perguntar fundamentado na leitura e no diálogo com a própria construção do conhecimento do qual eram autores.

A educação deve centrar-se mais na ideia de fornecer instrumentos e de apresentar perspectivas, enquanto caberá ao estudante a possibilidade de posicionar-se e de correlacionar o quanto aprende com uma utilidade para sua vida, tendo presente que um conhecimento útil não corresponde a um saber prático e restrito, quem sabe à habilidade para desenvolver certas tarefas. (PCNEM, 2006, p.28)

É importante ressaltar a importância do texto filosófico, pois apesar da maioria dos alunos sentirem dificuldade na compreensão e interpretação de certas palavras e conceitos, desafia-os a buscarem um sentido, seja por meio de dicionários ou por meio de discussões em grupo. A leitura permite ainda uma noção acerca daquilo que foi lido e discutido com as próprias convicções e crenças que trazem consigo. Assim, conforme os PCNs (2006, p.33), “ler textos filosóficos de modo significativo” é uma forma de dar sentido à própria aprendizagem filosófica. Nesse sentido, a inserção do texto filosófico no grupo focal possibilitou uma melhor relação com o processo de conhecimento dos alunos. É importante salientar que o mesmo não representou elemento de direcionamento exclusivo a uma conceituação baseada somente no autor em estudo, mas o de possibilitar pela leitura uma noção conceitual que, longe de fechar uma única perspectiva, abre horizontes no caminho dialético. Nos diálogos falávamos da importância do conhecimento como condição imprescindível para fazer relações conceituais e conquistarmos a autonomia de pensamento. “Para a realização de competências específicas, que se têm sobretudo mediante a referência consistente à História da Filosofia, deve-se manter a centralidade do texto filosófico” (PCNs, 2006, p. 37).

Nessa perspectiva podemos compreender o desafio que marca a educação no ensino médio. A importância de refletir essas condições desafiadoras está em direcionar o fazer filosófico ao constante diálogo, no intuito de que o jovem, protagonista do seu próprio conhecimento, encontre lugar nas relações conceituais e problemáticas do ensino de filosofia no ensino médio. Desse modo encontramos o

desafio de encontrar metodologias que contribuam para este processo de construção do conhecimento.

No contexto atual de formação nos cursos de licenciatura em Filosofia, deparamo-nos com situações em que a maior preocupação, por parte dos futuros professores, é com metodologias de ensino que proporcionem condições de realizar a “transposição didática” do conteúdo filosófico para aulas no ensino médio.

(TOMAZETTI, BENETTI, 2012, p.1029)

A nova Base Nacional Curricular afirma como papel da escola a necessidade em “garantir o protagonismo dos estudantes em sua aprendizagem e o desenvolvimento de suas capacidades de abstração, reflexão, interpretação, proposição e ação, essenciais à sua autonomia pessoal, profissional, intelectual e política (BRASIL, 2018, p. 465). Desse modo, apesar dos desafios existentes no ensino de filosofia, o texto reafirma o papel que em grande parte compete ao ensino da filosofia, ou seja, o papel de fomentar a capacidade crítica e a autonomia do estudante. A pesquisa aqui apresentada reafirmou a necessidade do empenho do professor de filosofia da educação básica de, a partir de uma postura aberta ao diálogo e ao questionamento, procurar dar sentido ao fazer filosófico. O método socrático pode dar essa contribuição imensurável uma vez que coloca a questão do conhecimento como uma condição a ser buscada pelo método dialético.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos compreender, por meio desta pesquisa, a relação do método socrático com o ensino da filosofia no ensino médio. Para realizar tal empreendimento, iniciamos pela investigação do retrato de Sócrates a partir de alguns de seus contemporâneos, a saber, Xenofonte, Aristófanes e Platão. A figura de Sócrates nos ajudou a compreender a relevância de sua vida e de sua filosofia para os dias atuais. Quando pensamos acerca do modo socrático na educação básica, nos deparamos com o desafio de ajudar os jovens a saírem de suas “certezas cotidianas”, que em sua grande maioria são esvaziadas de fundamentação, para um campo dialético do pensar. Desse modo, quando fomentamos nos jovens a curiosidade, a significação do conteúdo, estamos abrindo as portas para que os mesmos construam seu próprio conhecimento. O ensino ao “modo socrático” precisa ser pensado e repensado na atualidade, pois contribui efetivamente para o processo de autonomia e de participação consciente, de modo que evidencia seu papel como cidadão em uma sociedade complexa e plural.

O fato de pensar no método socrático como uma referência para a prática de ensino no contexto da educação básica atual, ajudou-nos a compreender a importância de encarar a escola como um universo de possibilidades de aprender e ensinar. Usar uma metodologia de ensino que coloque o aluno na condição de sujeito de seu aprendizado, que coloque como fundamento a sua própria liberdade de pensar e repensar por meios dos diálogos e questionamentos, traz uma abordagem importante na construção do fazer filosófico no ensino médio. Desse modo, os conceitos apresentados no percurso desse trabalho pretenderam, a partir de uma literatura clássica, identificar aspectos relevantes da vida de Sócrates e o seu método de ensino. A partir dessas referências teóricas, partimos para a aplicação de exercícios que estimulassem o pensar crítico por meios de perguntas e leituras de textos, tendo como base para a ação a maiêutica socrática. Através do grupo focal, que foi constituído por alunos da escola Tancredo Nunes de Menezes de Tanguá, os jovens participantes tiveram a experiência de dialogar e refletir a partir do que já sabiam, passando pela compreensão do seu não saber e com o objetivo de dar à luz ao conhecimento a que estavam dispostos a buscar.

O fato inovador, que assume relevância na pesquisa, é a relação entre professores de filosofia e os alunos. O método dialógico retira do professor a postura

de detentor de uma verdade a ser ensinada e o coloca em uma relação de pensamentos que se entrelaçam na busca de um conceito. Por meio de questionamentos, de refutações, são fomentadas as condições ideais para o conhecimento. Assim, à luz da filosofia socrática, o uso de metodologias de aprendizagem no ensino médio traz uma enorme contribuição no papel da filosofia que pretendemos desempenhar, ou seja, a de possibilitar uma visão de mundo por meio de múltiplas perspectivas e a capacidade de inferências pautadas no raciocínio crítico.

O grupo focal, como pudemos perceber na etapa metodológica desse trabalho, possibilitou uma série de reflexões iniciais que levavam em conta as opiniões que os membros do grupo traziam consigo. A partir da leitura e das diversas indagações possibilitadas pelo constante diálogo em grupo, os alunos se auto perceberam saindo de uma condição de opiniões baseadas em crenças, para um conhecimento pautado em uma perspectiva conceitual do autor estudado. Portanto, a pesquisa em tela nos provocou a pensar na complexa tarefa do professor na educação básica. Pensar a filosofia a modo socrático exige antes de tudo uma disposição de abertura ao novo, que na maioria das vezes exige do próprio professor tornar a escola um espaço para o diálogo e para a construção de um conhecimento interativo. Seja na própria aula de filosofia ou em grupos de estudos, o professor precisa garantir o lugar da fala aos estudantes a fim de que seja fomentado o conhecimento. Outrossim, somos desafiados a lidar com o ensino em massa, o que nos exige uma atitude dinâmica diante das possibilidades de pensar a filosofia como um saber que necessita do protagonismo juvenil na própria tarefa de gerar o conhecimento. A habilidade de lidar com a complexidade do fazer filosófico faz a diferença no processo dialógico do ambiente escolar.

Através das análises feitas a partir da observação do grupo focal, podemos observar a importância dos grupos de estudo, especialmente quando fundamentados no método socrático para a construção de um saber crítico. Trabalhar com pequenos grupos de estudos, por mais que seja um desafio a sua aplicabilidade diante da organização curricular, que nos possibilita apenas uma aula para a disciplina, desafia-nos a pensar o lugar da filosofia na educação básica tendo em vista a sua complexidade e a suas contribuições para outros saberes do currículo escolar. Dialogar, interpretar, refutar e ler, permite um arcabouço importantíssimo que reflete no êxito em outras disciplinas, como redação, interpretação textual,

literatura, sem contar nas próprias disciplinas das ciências humanas. Precisamos pensar a filosofia não como um conhecimento isolado, mas como uma disciplina que tem uma interação com a própria educação a nível geral. Estas percepções são fundamentadas nos próprios alunos participantes da pesquisa, que notaram como o método aqui aplicado por meio do grupo focal pode ajudá-los no processo de conhecer e aprender.

A pesquisa aqui apresentada reafirmou a necessidade do empenho do professor de filosofia da educação básica de, a partir de uma postura aberta ao diálogo e ao questionamento, procurar dar sentido ao fazer filosófico. O método socrático pode dar essa contribuição imensurável uma vez que coloca a questão do conhecimento como uma condição a ser buscada pelo método dialético.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO , Nicola . **Dicionário de Filosofia** . Tradução da 1º edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução de novos textos Ivoni Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo : Martins Fontes, 2007.

ARISTÓFANES. **As Nuvens**. Traduções de Gilda Maria Reale Starzynski. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores).

BACKES, Dirce Stein et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O mundo da saúde**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 438-442, 2011. Disponível em: http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/88/10_Grupo_Focal.pdf. Acesso em: 23 de maio. 2019.

BENOIT, Hector. **Sócrates**: O nascimento da razão negativa. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1996. (Coleção Logos).

BRASIL. Secretaria de Educação. Ministério da educação Básica. **Ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf. Acesso em: 23 de maio. 2019.

DIÓGENES LAÉRTIOS. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Tradução Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília : Universidade de Brasília , 2008. 360 p.

JAERGER, Werner. **Paidéia**: A Formação do Homem Grego. Tradução Artur M. Parreira . 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

JAPIASSU, Hilton. **Um desafio à filosofia**: pensar-se nos dias de hoje. São Paulo: Letras e Letras, 1997.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates**. 2ª edição. Tradução de Álvaro Valls. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

KORAN, Walter Omar. **Filosofia**: o paradoxo de aprender e ensinar. Tradução Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 13.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

OLIVEIRA, Alisson André Regis de; LEITE FILHO, Carlos Alberto Pereira; RODRIGUES, Cláudia Medianeira Cruz. O Processo de construção dos grupos focais na pesquisa qualitativa e suas exigências metodológicas. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO -ENANPAD, 31., 2007, Rio de Janeiro. **Anais...**Rio de Janeiro: ANPAD, 2007, p. 2-15. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/52134851/Artigo-Grupos-Focais-EnANPAD-2007>.

Acesso em: 23 mai. 2019.

PAGNI , Pedro Angelo (Org) et al. **Introdução à Filosofia da Educação**: Temas Contemporâneos e História. São Paulo: Avercamp , 2007.

PESSANHA, José Américo Motta. **Sócrates**: Vida e Obra. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural , 1987. (Os Pensadores).

PLATÃO. **Defesa de Sócrates**. Traduções de Jaime Bruna. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores).

_____. PLATÃO. **Mênon**. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; São Paulo, Loyola, 2001.

_____. **Teeteto - Crátilo**. In: Diálogos de Platão. Tradução do grego por Carlos Alberto Nunes. 3a. ed., Belém: Universidade Federal do Pará, 2001.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: Filosofia Pagã Antiga. Tradução Ivo Storniolo. 3. ed. São Paulo: Paulus, v. 1, 2003.

RODRIGO, Lídia Maria. **Filosofia em sala de aula**: teoria e prática para o ensino médio. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SOFISTE, Juarez Gomes. **Sócrates e o ensino da filosofia**: Investigação Dialógica: uma pedagogia para docência de filosofia. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

SOUZA, Eduardo Boa Ventura de. **O retorno velado**: radicalidade filosófica e autoconhecimento como fundamento da educação libertadora. Bahia: UFB, 2010. 112 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2010.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, vol.19, n.3, p.777-796, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013>. Acesso em: 20 abr.2019.

VERNANT, Jean Pierre . **As Origens do Pensamento Grego**. Tradução Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

XENOFONTE. **Apologia de Sócrates**. Tradução de Líbero Rangel de Andrade. 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores).

_____. **Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates**. Traduções de Líbero Rangel de Andrade. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

APÊNDICE A – CONTEXTUALIZAÇÃO TEMÁTICA/ DOXA

1. CONTEXTUALIZAÇÃO TEMÁTICA.

O encontro será iniciado com o sorteio de um tema surpresa, no contexto das seguintes temáticas sugeridas: **Cidadania e Democracia, Epistemologia, Estética, Ética**. Os textos que nortearão a discussão foi escolhido a partir da sugestão de Sofiste (2007, p. 147-151).

1. **Discurso sobre o amor, da obra O Banquete;**
2. **A felicidade, do livro a Ética a Nicômaco;**
3. **A Igualdade e seus limites, Política;**
4. **O eu pensando, Discurso do Método. IV parte;**
5. **O que é o esclarecimento, Emanuel Kant;**
6. **O homem e a liberdade, Jean-Paul Sartre;**
7. **Carta sobre a felicidade, Epicuro.**

2. DOXA (opiniões)

2.1 O que você sabe sobre o tema.... (tema escolhido)?

2.2 O que levou você a afirmar essa ideia sobre o (tema escolhido)?

2.3 Você já leu algo a respeito do (tema escolhido)?

2.4 Ouviu alguém falar sobre (tema escolhido)?

2.5 Agora responda com bastante atenção: você acha suficiente o conhecimento que você tem sobre (tema escolhido)?

2.6 Você acha importante saber sobre (tema escolhido)?

2.7 De que forma o conhecimento (tema escolhido) poderia contribuir na sua vida? Caso não contribua, argumente.

APÊNDICE B – EPISTEME**EPISTEME**

Leitura

Cada membro do grupo receberá o texto com fragmentos filosóficos sobre (tema escolhido), onde deverá fazer a leitura, identificando os principais conceitos sobre o assunto.

Conceituação

1 O que você compreendeu sobre o tema após a leitura do texto?

2 O texto possibilitou novas informações sobre as ideias que você tinha sobre (tema escolhido) antes de fazer a leitura do texto?

3 Qual o conceito sobre (tema escolhido) segundo o texto?

4 O conhecimento que você adquiriu com a leitura do texto foi importante para a sua vida? porque?

5 Você sentiu que saiu de uma opinião para um conceito através desse método de aprendizagem? Explique.

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA**Informações gerais**

Favor marcar com um X somente em uma única resposta que melhor se apresente para você.

1 Na sua trajetória estudantil antes de chegar ao ensino médio, você sabia o que era Filosofia?

() Sim () Não

2 É difícil compreender Filosofia?

() Sim () Não

Porque?

3 Você considera o conhecimento importante?

() Sim () Não

Porque?

4 Quando o professor faz uma pergunta, você pensa nas possíveis respostas?

() Sim () Não

Porque?

5 É difícil responder uma pergunta quando não se tem um conhecimento sobre assunto?

() Sim () Não

Porque?

6 As meras opiniões que recebemos através do meio social em que vivemos são suficientes para a nossa existência?

() Sim () Não

Porque?

7 A pergunta possibilita vislumbrar novas perspectivas e problemas a serem resolvidos?

() Sim () Não

Porque?

8 Na sua trajetória estudantil você já se deparou com uma metodologia desse tipo, de levá-lo ao conceito partindo de perguntas que o fazem perceber a necessidade de sair das meras opiniões para o conceito?

() Sim () Não

Porque?

9. Você percebeu contribuições significativas na sua aprendizagem com a metodologia aplicada? Porque?
